

BLECAUTE

Uma Revista de Literatura e Artes



FROZEN LOVE - Jean-Paul Avisse

Ano 2 - Nº7 - DEZ. 2010

BLECAUTE

Uma Revista de Literatura e Artes

Campina Grande (PB) - Ano 2 – Nº7 – Dez. 2010

ISSN: 2238-930X

Copyright © 2010, Núcleo Literário Blecaute • All Rights Reserved.

É permitida a reprodução total ou parcial desta edição de *Blecaute: uma revista de literatura e artes*; Os textos ou fragmentos de textos, quando reproduzidos, devem ter suas referências (autoria e lugar de origem da obra) devidamente citadas, conforme preconiza a legislação vigente no Brasil acerca dos direitos autorais (Lei 9.610/98); As opiniões emitidas nos textos são de responsabilidade exclusiva dos autores, sendo estes últimos responsáveis pela revisão e conteúdo de suas produções; É vedado o direito de qualquer cobrança pela reprodução desta edição.

Periodicidade: Trimestral

Capa: *Frosen Love* – Jean-Paul Avisse (França)

Fonte: <http://www.prestigeart.com>

Editores:

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio

gaudencio_bruno@yahoo.com.br

Janailson Macêdo Luiz

janailsonmacedo@hotmail.com

João Matias de Oliveira Neto

j.matias@msn.com

800
R454 Revista Blecaute: uma revista de Literatura e Artes, ano. 2, n. 7 (dez. 2010)
– Campina Grande, 2010.
61 p.: il. color.

ISSN: 2238-930X

Editores: Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio, Janailson Macêdo Luiz, João Matias de Oliveira Neto.

1. Literatura. 2. Literatura – Ensaios. 3. Literatura - Contos. 4. Literatura – Poemas. I. Título.

21. ed. CDD

Site

<http://sites.uepb.edu.br/revistablecaute>

Blog

www.revistablecaute.blogspot.com

Twitter

<https://twitter.com/revistablecaute>

E-mail

revistablecaute@gmail.com

ÍNDICE

EDITORIAL	Dois anos de <i>Blecaute</i>: a escuridão continua literária Os editores	5
CONTO	Apocalipse Nilton Maciel – CE	7
COLUNA	3/4 de Pelegrino Júnior Franklin Jorge – RN	10
POEMAS	Casos da Casa, Usufruto e outros poemas Leo Barbosa – PB	13
ENSAIO	Hilda Hilst e Erotismo: Metafísica ou putaria das grossas? Johnny Martins – PE	16
POEMAS	Corvos Paveseanos Luis Serguilha – POR	21
CONTO	Quando eu estava a cavalo sobre mim mesmo Bruno Gaudêncio – PB	27
HUMOR	Sobre sites pornôs e a arca de Noé Valdênio Freitas – PB	29
POEMAS	O Mínimo do Mundo, Miragens e outros poemas Antonio Paulo Rezende – PE	31
CONTO	Veisalgia Bruno Ribeiro Santos – PB/MG	34
ESTANTE	Vou Embora – Jean Echenoz João Matias de Oliveira – PB/CE	36
	O Oxum da Rua de Trás – André Rodrigues Roberto Denser – PB	38
POEMAS	A um poeta vivo, SMS e outros poemas Neuza Pinheiro – SP/PR (Xilogravuras de Henrique Camargo – SP)	39
CONTO	O bailado Janailson Macêdo Luiz – PB	43
POEMAS	Metamorfoses, Sonhos de Zé Limeira, A Bíblia e outros poemas Jairo Cezar – PB	48
CONTO	Quem Pusera o disco pra tocar? Janaína Azevedo – PB	51
ENSAIO	Poesia de Amor – amor pela poesia: Sem provas de que Eros nos perdoa Ney Paiva – PE/PA	57

| Editorial – Dezembro de 2010

DOIS ANOS DE *BLECAUTE*: A ESCURIDÃO CONTINUA LITERÁRIA

NO ÚLTIMO MÊS DE NOVEMBRO a *Blecaute* completou dois anos de atividade no âmbito da divulgação e militância literária. Através de suas primeiras seis edições, que ainda permanecem circulando pela internet, e deste sétimo número, a revista vem cumprindo o seu papel primordial: divulgar a literatura paraibana, sintonizando-a, sempre que possível, com a produção brasileira contemporânea, com a literatura desenvolvida em Portugal, nos países africanos de língua portuguesa e demais recantos da lusofonia.

Nestes dois anos de militância virtual-literária, foram publicados quase uma centena de autores, de todas as regiões do Brasil, entre poetas, ficcionistas e ensaístas, homens e mulheres, premiados ou não premiados, conhecidos ou não conhecidos, jovens ou veteranos no mundo literário. Ademais, à medida que a revista foi se estruturando, tornou-se possível a publicação de escritores de outras nacionalidades, o que já pôde ser percebido no nosso último número e também no atual.

Em ambos os casos, publicamos autores de origem portuguesa e, durante o sexto e sétimo números, firmamos contatos com autores africanos, cujas obras constarão nas publicações de 2011. Todavia, ainda continuamos com a nossa caixa de entrada aberta para receber produções de outros autores ainda não contatados dessas localidades, assim como dos nossos compatriotas brasileiros e conterrâneos da Paraíba.

Nos dois anos que passaram, trabalhamos para consolidar a *Blecaute* como um meio democrático de divulgação literária, seja por meio das edições digitais de circulação gratuita pela internet, seja através de futuras publicações impressas, tendo sido a primeira já acertada junto à Universidade Estadual da Paraíba, que, em reconhecimento ao trabalho do Núcleo Literário *Blecaute* e da relevância da revista *Blecaute* para a cultura paraibana, criou um site para a revista em seu portal (<http://sites.uepb.edu.br/revistablecaute>) e firmou o compromisso de publicar uma edição impressa da *Blecaute*.

Quando se concretizar tal edição impressa, mais um passo estará dado para o maior acesso à literatura em nosso estado, à produção local e nacional dos autores que hoje produzem e são reconhecidos como contistas, poetas, ensaístas e escritores. Afinal de contas, não foi com outro objetivo que a revista *Blecaute* optou por esta ferramenta de divulgação: o acesso gratuito e livre à boa literatura.

Como editores e idealizadores da revista, nos é completamente recompensador os e-mails recebidos, elogios, críticas e dissabores que passamos com o intento de melhorá-la a cada edição. Uma revista feita para leitores e por leitores; seguindo a compreensão de Borges: antes leitores, depois escritores.

Boa leitura, e que venha 2011!

Os editores.

| Conto

APOCALIPSE

Por Nilton Maciel

NÓS PRESENCIAMOS SUA MANSO e serena morte, causa desta nossa imensurável tristeza. E mais melancólicos nos fizemos quando cavamos a sepultura e nela o depositamos. Ele está aqui, bem debaixo desta cruz de madeira, morto. Por acaso necessitamos da mentira para falar e continuar a viver? Por acaso não temos olhos de ver e ouvidos de ouvir? Evidentemente as entranhas da mãe-terra o engoliram, tementes de outras tantas vilanias. Pois atendemos ao seu pedido: “enterrem meu cadáver no mais profundo do chão, de forma a tornar impossível a exumação, quer para violentarem-no, quer para mumificarem-no, pois morro para não mais conviver com os meus inimigos.” Reunimo-nos todos, chorosos ainda, e, com ferramentas e forças, cavamos o mais fundo dos fossos e nele depusemos seu corpo. E aí ele está – morto, debaixo deste chão pisado pelo ódio de vossos tacões infames e maculado pela fúria de vossas picaretas, ó recavadores de buracos, caçadores de ossos. Porém, aqui permaneceremos nós, dispostos a impedir escavações indevidas e violações de sepulcros. Se necessário, combateremos sobre este monte santo e ao redor desta cruz de madeira, armados de nenhuma arma embora, contra vossas profanas armas e vossas pesadas botas. E vós ficareis hipnotizados por nossas palavras. Pois diremos ter ele vivido dias e noites entre nós e nestes dias houve muito sol e nestas noites muito sono. Ensinou-nos ele escorrer do alto de nossas cabeças e do detrás de nossas nuças e do defronte de nossos olhos muita luz para iluminar e aquecer o mundo; bem dentro de nós habita a sabedoria, guardada em arca-da-aliança, razão só nossa – e nunca, por isso, a ensinaremos a vós, nem a ninguém, enquanto reinardes, ó escavadores de túmulos e inquisidores de sábios. De mais a mais, prometeu-nos ele o futuro, cujo princípio se dará com a vossa morte. E se já ousardes acometer-nos, prevenimos: a cada investida vossa corresponderá um grito nosso; a cada grito nosso, uma dor vossa, a começar nos tímpanos e se espriar por todas vossas cabeças, as quais estourarão apodrecidas. E nunca terminareis vossa obra destruidora, e morrereis

raquíticos e perdidos em meio ao pó que se alevantará, ora por obra de vossas brutidões, ora de nossos gritos. E nós, após a vossa certa morte, desobrigados de guardar este túmulo, penetraremos as grutas e reencontraremos nas entranhas da terra a verdade que se escondeu debaixo de nossos pés desde o maldito primeiro dia do controle da superfície assumido por vós. E voltaremos aos espaços ora habitados pelas serpentes e pelos dragões. E faremos da loucura a regra única e inviolável da natureza, ab-rogadas já as vossas obras, ó ineptos inventores de leis. Mergulharemos como os peixes, voaremos como as aves, arrastar-nos-emos como os répteis, andaremos como as pernaltas. Redescobriremos as estrelas, as visíveis e as invisíveis, onde habitam nossos ex-irmãos, e lá reconstruiremos nossas civilizações destruídas pelo egoísmo. Tudo isto faremos tão logo ocorra a nossa ou a vossa morte, posto que, mortos, reviveremos e, mortos vós, faremos da vida presente apenas o livro das fantasias. Como, todavia, não temos poderes sobre as vossas armas, apenas dizemos ser vedado a vós tocar em nossos corpos e neste chão debaixo do qual ele sumiu. Do contrário, faremos tão grande alvoroço que vós sereis tragados pelas voragens da terra, para serdes devorados pelos dragões da vossa abominação. E se, apesar de nossos gritos, conseguirdes matar-nos primeiro, por não alcançarmos fugir a tempo aos golpes de vossas picaretas e ao peso de vossas botas, ou por terdes sequazes nos quatro cantos da terra, ainda assim nos encontraremos com ele e, de onde estivermos, quer como luz, quer como energia, quer como gás, quer como odor, quer como voz, enviaremos nossos recados, através de outros ouvidos, outros olhos, outros narizes, outros corpos, dos quais faremos nossos semelhantes por todo o sempre, até não restar na terra e no espaço sequer um tacão ou uma picareta sujos de sangue. Pois a verdade a nós ensinada está no sangue, no suor, nas veias, nos ossos e nas carnes também por vós carregadas, porém com esse tédio e esse egoísmo vossos, néscios que sois. E quanto mais nos enterrardes na terra maior comoção ela sofrerá, a ponto de acreditardes tratarem-se de sismos e deles vos assustardes e, por momentos, temerdes o nosso poder, mortalmente angustiados. E, quando tiverdes massacrado a todos nós e só vós viverdes sobre a calcinada terra, esta de mais nada servirá, nem sequer de despensa para tacões e picaretas, pois nela não nascerão mais frutos, os rios secarão e os animais, famintos e sedentos, se lançarão aos mares sem fundo e aos abismos insondáveis. E vós, pobres donos do mundo, não mais tereis condições de viver e morrereis como bonecos, faltos de um sopro ou de qualquer outro alento. Então, livres, viveremos debaixo da terra, nos mares e labirintos, com os chamados monstros, e visitaremos a crosta como vitoriosos, quando faremos chegar até nós, ou nós até elas, as estrelas que nos iluminam e

iluminamos, e reiniciaremos por outra vez uma nova era, nós, figuras deste universo tão desconhecido e temido de vós – nós, partes integrantes disto que tanto abominais.

NILTON MACIEL (Ceará) – Escritor. Autor de vários livros de contos, novelas e romances. O conto Apocalipse publicado aqui foi retirado da coletânea *Punhalzinho Cravado de ódio* (1986). Site: <http://www.niltomaciel.net.br/>

| Coluna

3 X 4 DE PEREGRINO JÚNIOR

Por Franklin Jorge

SEGUNDO NORTE-RIO-GRANDENSE A ocupar uma cadeira e o único, até o momento, a presidência da Academia Brasileira de Letras, Peregrino Júnior produziu uma obra literária original e viva, que, apesar de todas as suas qualidades formais e estilísticas, parece relegada ao limbo do esquecimento.

Inspirado nos anos em que viveu em Belém, depois de ter vivido em Natal e no Ceará-Mirim, é sem questionamento um dos principais escritores da Amazônia, que observou e transcreveu com originalidade rara, atribuindo uma dimensão especial e particular ao regionalismo dominante, quando apareceu em livro.

Talvez o tenha prejudicado o fato de ter sido, em sua mocidade, signatário de uma coluna social, em *O Jornal*, embora isso não passe de mero acidente em sua relação com a escrita, que nele é de grande intensidade e não menor eficácia e correção exemplares. Sim, em sua mocidade, foi Peregrino Júnior um homem dedicado ao mundanismo, brilhando nos salões do Rio, inclusive por seus belos olhos verdes e sua imponente figura de homem elegante e de uma finesse inexcedível, mesmo quando se dedicava, com um talento especial, a esfolar as pessoas, deixando-lhes a reputação em carne viva.

Foi um homem que viveu muito e, na condição de médico – reconhecidamente por seus colegas e pacientes um grande médico em sua especialidade –, conhecia as fraquezas humanas. Teve o privilégio de conviver na intimidade com os grandes nomes das letras e das artes do país durante mais de cinquenta anos, sendo o clínico oficioso de todos os artistas de sua época, razão pela qual seu escritório de Diretor da Policlínica do Rio de Janeiro vivia cheio, especialmente de escritores e de pintores.

Sua grande terapia, no entanto, era a conversa que exercia como uma arte digna de Baudelaire, Proust e o nosso Cascudo. Uma arte evocativa e cheia de verve, repassada ao mesmo tempo de uma crueza que me levava a pensar em Molly, personagem de Joyce, que

eu lia então, capaz de lidar com problemas morais tal como o açougueiro lida com uma carcaça. Adorava ouvi-lo e, frequentemente, ia visitá-lo, entre as dez e o meio-dia, em seu gabinete decorado com obras pintadas por Portinari, Di Cavalcanti, Ismael Nery, Ismailovitch, Bruno Giorgi, Ceschiati, Guignard, Maria Helena Vieira, Arpad Szénes, entre outros não menos notáveis artistas brasileiros e estrangeiros, muitos deles refugiados de guerra.

Dele ouvi histórias curiosíssimas, como a dois artistas plásticos que disputaram a mesma mulher. Refugiados de guerra, tornaram-se ambos brasileiros e produziram grande parte de sua obra aqui, um dos quais adquirindo inclusive grande prestígio como escultor convocado por diversos governos a criar obras que embelezaram São Paulo e Brasília e outras importantes e ricas cidades do Sul e Sudeste.

Um deles roubou a mulher do outro e a levou para sua casa. Depois de algum tempo o ex-marido a recuperou e viveram em paz por algum tempo, até que ocorreu novo seqüestro, o que teria se repetido algumas vezes. Finalmente, o escultor abonado adquiriu um grande imóvel e mandou construir uma cama surubinal, como diria Jorge Amado e em seguida foi parlamentar com o marido da amada que voltara a viver com o esposo legal. Propôs-lhe um acordo: como ambos amavam a mesma mulher e dela não abririam mão, achava justo que vivessem os três juntos e para isto mandara fazer aquela cama que acolheria bem o triângulo quer, aliás, só se desfez com a morte muito depois de um dos artistas...

Sentados em confortáveis cadeiras de couro inglês, tacheadas de bronze, entre escritores e artistas, todos muito velhos e muito célebres, ouvia-o com atenção e interesse adolescentes sobre os bastidores do gênio e os subterrâneos da política que ele conhecia a fundo e sem reservas.

Certa vez, a propósito de uma notícia sobre a suspensão de uma interdição contra Luis Carlos Prestes, aproveitei para interrogá-lo sobre os comunistas e ele nos disse à queima-roupa que perfaziam um gueto de gente de origem muito pobre à procura de emprego, se possível, de uma boa sinecura que lhes permitisse flunar por aí, como grandes senhores que seriam por índole e vocação.

Rebati-lhe, num impulso juvenil. Você é muito moço..., disse com um certo pesar, abraçando-me. Não, não. Os comunistas, como muitos outros, querem apenas se dar bem, com exceção daqueles, certamente ingênuos a que os próprios comunistas chamariam de “inocentes úteis”, como Portinari, por exemplo, que, como Prestes e Giocondo, acreditavam

no comunismo. Os demais são aproveitadores. Querem apenas uma boa aposentadoria e vilegiaturas.

Peregrino contou-me uma história que muito nos divertiu. Certa noite, muito tarde da noite, foi acordado por um amigo, militante contra a ditadura de Vargas, para pedir-lhe ajudar em favor de um companheiro de proselitismo de esquerda. Não conhecia nenhum outro médico e por isso o procurava para, por seu intermédio, conseguir que um odontólogo fosse tratar de um dente infeccionado do amigo que não podia aparecer porque a polícia política estava no seu encalço, pega não pega. Peregrino, muito relacionado e gozando de prestígio inclusive no círculo do ditador, conseguiu levar um profissional para cuidar do caso.

Depois de longo trajeto no qual o carro pareceu andar em círculos, para despistar os cães da ditadura, chegaram finalmente a um distante subúrbio onde, deitado sobre jornais, o rosto completamente desfigurado, gemia um homem. O dente foi extraído ali mesmo, sem muito recurso. O sangue espirrou. E o paciente, ao vê-lo, soltou um berro de aterrorizado e desmaiou, ficando por algum tempo desacordado...

Curioso é que Peregrino se lembrava de ter assistido, por acaso, em diversos comícios na Cinelândia, o sujeito vociferando em cima de um caixote, conclamando o povo à luta armada. Seu refrão era: “Falta sangue à revolução. Sem derramamento de sangue não mudaremos o Brasil... Sangue, precisamos derramar sangue para a salvação do Brasil...”

E, em mangas de camisa de fina cambraia sobre uma camiseta de malha brancas, dando uma daquelas suas risadas gostosas que o caracterizava, respondia Peregrino Júnior à minha curiosidade com uma nova pergunta: Como acreditar neles?

FRANKLIN JORGE (Rio Grande do Norte) - Escritor e Jornalista. Vencedor do Premio *Luis Câmara Cascudo* em 1998, com o Livro: *Ficções Fricções Africções* (Mares do Sul, 1998).

POEMAS DE LEO BARBOSA

CASOS DA CASA

A casa na qual vivi
Para mim há muitos anos
É misturada por patologias arcaicas
Inda hoje haverá de arcar
Então, os nossos quebra-cabeças
Terão as cabeças quebradas

A casa era tarde, noite, manhã
Nela inexistia madrugada
Enquanto se dorme
Meninos não transitam
Fundem-se nesse turno

Talvez não seja meu lugar
Nem lar, nem morada
Apenas labores descarregados.

USUFRUTO

Um fruto num topo de árvore
Não é mais doce que o do chão
Estico os braços, tateio o caule
Piso nas raízes que se confundem
Com meus pés em adubo;

Sou excremento da minha vontade
De ser folha velha em vento leste.

FAZENDEIRO

Amarras que brotam
Sob a rota remota
Remontam-se garras
Servidas a ceifa

Aceitando em consonância
Com a compatibilidade,
Inativa quando o céu
Recusou o semblante ante
O meu penúltimo tom

A vida em distinção
A vida em extinção
Agrupa tantos tantos
Fazendo que sejamos
Fazenda descosturada.

REVESTIDO DE NOVA IDADE

Não tenho corriqueira forma
Ando como quem disperso
vai estabelecendo, aos poucos, normas
despindo, despedindo-me do meu ex-Eu

Com o passo do coração
às vezes rápido, às vezes lento
Sem, portanto, parar; viajo
Concepção de quem poetiza; eu acho

A razão faz de mim um ledão.

E aceito atitudes cujas tragam virtudes

e faço refulgir feito aço

Sem fugir do meu lado microscópico – palhaço.

LEO BARBOSA (Paraíba) – Poeta. Graduando em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É autor dos livros: *Lembrança Perseverante* (Poesia, 2008) e *Versos Versáteis* (Poesia, 2010), de onde foram retirados os poemas acima. Site: <http://recantodasletras.uol.com.br/atores/leobarbosa>

| Ensaio

HILDA HILST E EROTISMO: “METAFÍSICA OU PUTARIA DAS GROSSAS?”

Por Johnny Martins

*Quem ri quando goza**É poesia**Até quando é prosa.***Alice Ruiz** (In: *Desorientais*).

EM 1990, UMA ESCRITORA com 60 anos de idade já reconhecida com importantes prêmios literários publica uma obra pornográfica que causou escândalo. Tratava-se da novela *O caderno rosa de Lori Lamby*, da escritora paulista Hilda Hilst. Essa novela traz a história de uma menina de 8 anos às voltas com a preocupação de escrever histórias obscenas para ajudar seu pai escritor a atender às ambições mercadológicas de um editor que vomitava “só de ouvir a palavra poesia” (HIST, 2005). Ilustrado pelo cartunista Millôr Fernandes, com desenhos que remetem à apresentação que costumam ter os livros infantis, a obra causou polêmica, não apenas por trazer a pedofilia e a prostituição infantil como base de sua narrativa, mas também por sua linguagem repleta de termos chulos, assim como os demais livros da trilogia. Curiosamente, *O caderno rosa de Lori Lamby* obteve significativo sucesso de vendagem e foi a primeira obra da vasta produção literária de Hilda Hilst a ser traduzida na íntegra para outro idioma. A esta obra seguiram-se os outros dois livros que compõem a sua “trilogia erótica”: *Contos d’escárnio: textos grotescos*, de 1990, e *Cartas de um sedutor*, de 1991.

A novela *Contos d’escárnio: textos grotescos*, em particular, é a mais injustiçada da trilogia em termos de vendagem. A obra apresenta uma notável mistura de gêneros

literários, mostrando as inquietações dos amantes Crasso e Clódia, impressionados com os contos do seu amigo Hans Haeckel, um angustiado escritor, para quem a literatura era paixão, verdade e conhecimento, mas que era ignorado pela crítica e acabou cometendo suicídio. Crasso, então, recolhe os contos de Hans Haeckel e decide também, ele mesmo, tornar-se escritor, sob a seguinte reflexão: “É tanta besteira em letra de forma que pensei, por que não posso escrever a minha?” (HIST, 2002). Clódia, sua amante, é uma artista plástica cujo pincel reproduz exclusivamente genitálias, e na dedicação a essa estética peculiar acaba sendo presa por atentado ao pudor e internada num hospício, um espaço que surge na obra como pretexto para uma inserção de textos tão variados quanto surpreendentes, escritos pelos outros internos e dados de presente a Clódia. Nessa narrativa, ao ser aconselhado pela personagem Clódia a “ler uma historinha” do escritor Hans Haeckel, o personagem Rubito hesita: “é metafísica ou putaria das grossas?” (HIST, 2002, p. 78). As letras iniciais do nome do escritor retomam as de Hilda Hilst. Vejamos, pois, algumas reflexões que essa pergunta pode suscitar a respeito da literatura erótica.

Grandes nomes do cânone literário ocidental — tais como Ovídio, Aretino e Hilda Hilst — fazem parte de uma linhagem de escritores cujas obras eróticas convertem em riso crítico o seu olhar arguto e decepcionado sobre a sociedade. Ao atingirmos tal conclusão, somos levados a considerar, junto com Georges Bataille, em seu célebre ensaio sobre o erotismo, o caráter coadjuvante do riso na experiência do erotismo:

O riso nos faz tomar essa via na qual o princípio de uma interdição, de decências necessárias, inevitáveis, transforma-se em hipocrisia insensível, em incompreensão do que está em jogo. A extrema licença ligada à brincadeira é acompanhada de uma recusa em levar a sério — eu compreendo o trágico — a verdade do erotismo (BATAILLE, 2004, p. 420).

A “verdade do erotismo” é o aniquilamento do ser individual, pois no sistema apresentado por Bataille o desejo do ser por uma união com o outro representaria a dissolução de sua individualidade. O riso nega a tragicidade dessa morte. Consideremos ainda que tanto o riso quanto o sexo são alvo de interdições, tornando-se, assim, elementos privilegiados de transgressão: eles engendram a negligência de limites. Ambos concorrem para superarmos a vertigem provocada pelo abismo existente entre os seres *descontínuos* que somos, pois ambos suscitam o engajamento do outro no mesmo movimento de rir ou gozar. Orgasmo e riso são *prazer físico*, resultado de uma experiência sensível com o mundo, com o outro. Não por acaso, a alegria do carnaval traz comumente consigo o afrouxamento

das interdições sexuais — no Brasil, aliás, esse aspecto é particularmente evidente. O “reinado de momo” estabelece um mundo em que a autoridade e as hierarquias são desfeitas ou “invertidas”, num jogo teatral. Bergson chama a atenção para o fato de que, no teatro, a transgressão de certa ordem estabelecida também engendra o riso, afirmando: “[...] rimos do réu que passa uma lição de moral no juiz, da criança que pretende dar lições a seus pais, enfim do que vem a se classificar sob a rubrica do ‘mundo invertido’.”¹ Logo, a inversão da ordem torna evidente uma verdade — importante para nossas reflexões sobre o papel do riso e do erótico como instrumentos de crítica e de transgressão — que se pode resumir no seguinte: a inversão ironiza os discursos dominantes pintando-os com cores mais vivas através da troca de posições e, assim, torna perceptíveis outras possibilidades.

Acrescentemos às ponderações acima a conclusão de outro grande teórico da literatura: Mikhail Bakhtin, contextualizando a obra de Rabelais, conclui que o Renascimento afirma uma atitude em relação ao riso que vinha se fortalecendo desde a Idade Média, na qual o riso tinha o mesmo objetivo da seriedade: visava ao universal, mas construindo “seu próprio mundo contra a Igreja oficial, seu Estado contra o Estado oficial” (BAKHTIN, 1999, p. 78). A Igreja medieval condenava o riso, mas esta teve de fazer concessões a uma cultura popular expressiva, em que o elemento cômico era onipresente, herdado de ritos e festas pagãs que sobreviveram à sisuda moral dos chefes da Igreja. Essas festas significavam a “liberação do riso e do *corpo*” (BAKHTIN, 1999, p. 77). Quanto ao aspecto ritualístico, cabe aqui lembrar a definição que Otávio Paz elabora para a linguagem do erotismo através de uma comparação com a linguagem da poesia:

A relação entre erotismo e poesia é tal que se pode dizer, sem afetação, que o primeiro é uma poética corporal e a segunda uma erótica verbal. Ambos são feitos de uma composição complementar. A Linguagem — som que emite sentido, traço material que denota ideias corpóreas — é capaz de dar nome ao mais fugaz e evanescente: a sensação; por sua vez, o erotismo não é mera sexualidade animal — é cerimônia, representação. O erotismo é sexualidade transfigurada: metáfora. A imaginação é o agente que move o ato erótico e o poético (PAZ, 1994, p. 12).

A partir dessas considerações, se recuarmos na História até a Grécia Antiga, verificaremos que o binômio festa/rito, equivalendo a riso e erotismo, vem de uma tradição

¹ Tradução nossa: “C’est ainsi que nous rions du prévenu qui fait de la morale au juge, de l’enfant qui prétend donner des leçons à ses parents, enfin de ce qui vient se classer sous la rubrique du «monde renversé»” (BERGSON, 1964, p. 72).

muito anterior à da Idade Média. Nas festas dionisíacas, os cortejos em honra àquele deus eram abundantemente ornados de elementos visuais eróticos². O culto a Priapo — divindade representada de membro viril sempre ereto, personificação do falo de Dionísio — “originou-se das imagens fálicas diante das quais se desenvolviam as orgias dionisíacas.” (OLIVANETO, 2006, p. 16).

Retomemos Bakhtin:

[...] o riso da Idade Média venceu o medo de tudo que é mais temível na terra. Todas as coisas terríveis, não-terrestres, converteram-se em terra, isto é, em mãe nutriz que devora para de novo procriar outra coisa, que será maior e melhor. Nada sobre a terra pode ser terrível, da mesma forma que nada pode sê-lo no corpo da mãe, com suas mamas nutritivas, sua matriz, seu sangue quente. O terrível terrestre: os órgãos genitais, o túmulo corporal, dissolvem-se em voluptuosidade e em novos nascimentos. (1999, p. 79, Grifo nosso)

A atitude medieval em relação ao riso, presente na literatura e realçada no Renascimento é, para Bakhtin, tão importante como expressão de uma visão de mundo que se tornou uma marca distintiva entre essas épocas e os séculos que se seguiram.

A trilogia erótica hilstiana, ao retomar explicitamente um diálogo com a herança clássica, não apenas a atualiza através da fortuna cultural do ocidente desenvolvida até o final do século XX, mas também assume uma cumplicidade com uma tradição literária que, na associação do riso e do erótico, resulta numa literatura que *devora* e, ao mesmo tempo, *fertiliza*, no momento em que seu caráter transgressor se abre à exploração de novas perspectivas estéticas.

As abordagens críticas da produção literária da escritora paulista eram comumente acompanhadas, explícita ou implicitamente, por reflexões que, *grosso modo*, não lhe reservavam outros lugares senão do “difícil”, do “hermético” ou do “obsceno”. Quanto à sua trilogia erótica, esta era referida como algo destacado em sua produção literária e, salvo preciosas exceções, era comum a ênfase exclusiva no aspecto obsceno ou na experimentação estética que as obras apresentam. Esses elementos estão lá sem dúvida, e não se pode dizer que não se mostrem relevantes. Contudo, não nos parece que são o centro da tela irônica que Hilda Hilst se propõe a nos expor. É preciso não esquecer que a ironia é uma máscara

² “O termo grego *phallós* (que passou para o latim como *phallus*, membro viril) nomeava o estandarte religioso usado nas festas a Dionísio, o deus do vinho. Estátuas de Hermes com ereção decoravam as fachadas das casas, e sátiros com genitais enfeitavam vasos e taças. Uma das *kômos* (procissões jocosas) gregas, tradição religiosa que deu origem à palavra “comédia”, era escoltada pela escultura de um falo.” (*Revista Língua Especial: Sexo e linguagem*. Junho de 2006, p.27).

daquilo que realmente se quer dizer. Felizmente, recentes pesquisas sobre essa trilogia erótica mostram que a autora não abandona as profundas questões da existência que sempre constituíram o foco de seu legado literário, quais sejam: Deus, a morte, a arte literária e as relações humanas.

Referências

HILST, Hilda. *O Caderno Rosa de Lori Lamby*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2005.

HILST, Hilda. *Contos d'escárnio: textos grotescos*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 4. ed. Trad. Yara Frateschi. São Paulo: Hucitec, 1999.

BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Cláudia Fares. São Paulo: Arx, 2004.

BERGSON, Henri. *Le rire: essai sur la signification du comique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1964.

PAZ, Octavio. *A dupla chama: amor e erotismo*. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

OLIVA NETO, João Angelo. *Falo no Jardim: priapéia grega, priapéia latina*. São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas: Editora da Unicamp, 2006, p.16.

JOÃO BATISTA MARTINS DE MORAIS [JOHNNY MARTINS] (Pernambuco/Paraíba). Professor e Ensaísta. Mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Doutorando em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e professor substituto de Língua e Literatura Inglesa na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

POEMAS DE LUIS SERGUILHA

CORVOS-PAVESEANOS

As navalhas da densidade metafórica arrancadas ao sangue primitivo-estelar das esfinges sobrevivem às desassossegadas ancas das víboras (cavalgada irremissivelmente escoada na respiração vivaz das coincidências das baleeiras-filiais-da-semanturgia onde o geografismo de PAVESE leva os equinócios dos fluxos corporais, a nutrição dos asteróides até ao ÓREKSIS de LANGHE): rotas feiticeiras dos gadanhos-dos-pilotos farejadores das cabeleiras-vegetais-dos-elefantes-paradisíacos OU dos TARAHUMARA de ARTAUD ou das flechas giratórias-iluminadas pela imobilidade das escutas-das-faúlhas-arteriais: embriaguez das desflorações oculares/angulares a elevar a pulsação do Alasca-poético quando a ciência abismada dos látégos-dos-refúgios se inclina na exposição do minucioso bicho descobridor da rosa-embrionária-dos-furacões e do AIÓN da vastidão LAVORARE STANCA: flexível ascensão dos bichos-das-filigranas-das-crateras como bandos concêntricos e sazoados a descerrarem as vozes das campânulas nas probabilidades-da-gravitação da astralidade que reúne as arquiteturas luminosas das cesuras “**Gaudí-acrobático**” para embalarem e lapidarem os compromissos das gargantas migratórias nos últimos chamamentos das onomatopeias matinais: _____ **as pistas desmesuradas das bicicletas GOLPEIAM as vagas-dos-baluartes embutidas numa margem-de-alvéolos-soturnos surpreendentemente contagiantes e o estriamento da carruagem-de-parteias-solares acolhe a sublimidade-circular do pássaro-dos-desvairamentos sobre a o esguicho da baleia transatlântica**

(**ressonância dos cruzamentos dos relâmpagos a ressuscitar as pistas do alabastro de MOBY DICK: furtiva lantejoula do PHARMACON oceânico a desarranjar o frontispício das quadrilhas da florescência de Hylaia: as camadas**

da escrita a evaporarem-se ensanguentadas dentro das espáduas-devastadoras-de-Barcaleone porque anestesiam os repuxos das vísceras do abismo e atravessam uma via-férrea-de-enxofres-eléctricos(loucura das células das guilhotinas a fulminarem as arcadas das vinhas levitantes entre gigantescas estátuas de espelhos): os caçadores de cataratas sangram nos sobressaltos dos ofícios do nevoeiro e as efervescências subterrâneas sugam as procissões herbívoras dos cavalos-em-chamamento-evocativo do OFÍCIO de VIVER como mandíbulas das geografias abstractas a desfazerem-se inebriadas entre os rodopios coalhados-dos-leopardos-maternais e a musicalidade dos hemisférios míticos: CRÁNIOS de ELECTRICIDADE a diluírem as equivalências-extremas dos azulejos carregados de coros-peregrinos-das-sementes preciosamente contaminadas pelos raios inextinguíveis que alimentam os búzios-das-chuvas e as voltagens tectónicas de Hemingway : as tochas batem nas forjas do SACRARE e nos orifícios do afogamento onde os violinos-do-êxtase entoam fábulas seculares como mergulhadores-contorcionistas-do-silêncio a abrasarem os touros das constelações

(os esófagos armadilhados de arrebatamentos encaham propositadamente nas cordas dos diques-projécteis: saudações dos vértices dos animais sob a sanguinidade dos cachos metalizados: baloiços nos servidores das clareiras do gérmen e o ANTLITZ de PAVESE liga-se aos tremendos lemes de Daniel Dafoe):

as CICATRIZES dos camarotes-dos-incêndios pronunciam as perspectivas das poses na lixiviação dos tentáculos suburbanos : anzol electrocutado nos alimentos dos insectos dianteiros e um pórtico de julgamentos-de-pescoços é reenviado obsessivamente até às nódoas-das-hélices das atiradeiras criptogâmicas (arqueiros da vertigem a chichorrobiarem sobre as negações das cicatrizes dos caminhos sombrios): os trompetes-dos-pássaros recompensam os gatilhos das putrefacções dos ladrilhos-barbitúricos como ricochetes pegajosos a perfurarem os veios das lucernas: matéria-prima dos últimos embates das gavetas do icebergue entrelinhado nos almanaques boreais do relâmpago(**“vendrá la muerte y tendrá tu ojos”**):_____os estabilizadores das aberturas da salamandra pélvica gerem os impacientes núcleos aborígenes e a voracidade das vulvas homeopáticas transparece na unidade infinita dos IMPETUOSOS idiomas como a presença das ressonâncias-aos-tropeções na fagulhação das radiografias/mitologias reunidas pela

profundidade dos arcos-aquáticos que apavoram a plenitude da cidade-mental: _____
**insolação das trincheiras a içar a ferrugem das serpentes dos sarcófagos : ou
 serão as ondulações das cúpulas na venerabilidade da espada-rapina ou será a
 escaldadura das costureiras da sede a sussurrarem entre os cavalos-bebedores-
 de-sândalo(ocultas laranjeiras-de-candeeiros pousam no retorno-das-catástrofes):**

(ESPELHAMENTOS da armadilha **nos** tabuleiros da INTERROGAÇÃO):

**ARTAUD! PAVESE! na floresta de JOYCE e no vácuo umbilical de
 Steinbeck**

Por que a noite assoalha os cofres interlocutores dos esquálidos cativeiros **da
 crueldade** e as rupturas da corda bamba são utensílios das levadas indizíveis?

Por que, Artaud, Pavese: será uma gengiva central das luzes a amadurecer
 selvaticamente os detalhes das audiências dos ilimitados arabescos **com a** interpretação
 sibilante dos falcões entre as elevações dos materiais magmáticos-lávicos?

E **esses** desafios misteriosíssimos nas colunas-das-moradas, Artaud, Pavese
com os redemoinhos-das-guelras a penetrarem nos espaços vazios das olhaduras, dos
 pilares cinematográficos, das monstruosas pautas da cantaria-dos-satélites?

os assombros dos vendavais unificam-se nas encruzilhadas dos astronômicos
 pirilampos de Pavese-Whitman:_____ os vigamentos ou as vírgulas das águias
 desabrocham na instabilização das encostas(estrumes metálicos, alfabetos de topázios,
 ácido auricular na inércia das raízes, musicalidade das bigornas. Savanas-embrionárias
 ecoam nos néons da catástrofe) (as persianas microscópicas resguardam-se nos
 sustentáculos órfãos do alabastro): vento-centrífugo enclausurado nas averiguações dos
 chilreios do cometa-sangue-simbiótico onde as transmissões lunares reinventam as
 tangerineiras fantasmagóricas do fogo (sinuoso muro visivelmente aberto à aceleração dos

lóbulos-de-órbitas-adamantinas): um instante-em-circuito do animal-magnético abisma-se na tonelagem das braçadas dos tubérculos-das-fronteiras que evocam a loucura bífida da sombra-escorpião como um utensílio desabotoado a lavrar devagarinho as escrituras da água (arestas da sementeira sobre as pancadas envidraçadas da noite-polidora-de-tímpanos-terrestres): os olhares dos crocodilos de PAVESE embebedam-se de iluminadas úlceras-salamandras para distinguirem os ritmos antigos dos vulcões (manobras dos degraus das fendas: cólera do vazio arpoado infra os pulmões-inumeráveis de Jonh Dos Passos): _____ **os fôlegos das antenas dos astros sentenciam as passageiras íntimas das cataratas-demoníacas: agitações dos fulcros dos espelhos a desatarem as soberbas gargantas dos mastros-em-queimadura e os estábulos-das-gerações transluzem nos golpes zoológicos: lumes jugulares a gretarem os alpendres rotativos do hipopótamo da astronomia:**

_____ carvão-de-navalhas rebatido pela quadratura dos hussardos-da-visualidade onde os ressaltos odoríferos das coxas-clorofilas arrepanham os obsessivos faróis dos aconchegos-das-fisionomias fixadas no esplendor do teatro: sorvedouro rítmico da substância anatómica sob as cúpulas de Charles Dickens a responder intensamente às máquinas-metereológicas dos beirais-das-gavinhas, dos êxodos rurais e dos intacteis polvos dos pontos cardeais: posição apurada dos golpes-dos-cães-em-transfiguração reservados às mirras-tensas-das-artérias-sonâmbulas: as celas dos exílios-**BRECHT-Pavese expandem** a direcção profundíssima do húmus-gestual onde as vespas das axilas das maçãs **oscilam num carreiro de ecos-de-ninfas-da-cidade-fundida:** transversalmente os crepúsculos das radicais-larvas são consumidos pelos limiares dos formigueiros-fúngicos e pelas temperaturas-dos-lóbulos-das-bibliotecas: as resistências milenares dos interstícios das trinca-nectares constroem oblíquas viagens sobre os refluxos geométricos das gangrenas da gigantesca TRAQUEIA para interceptarem **DIAGONALMENTE** a primeira concessão das colmeias dos mapas hidrográficos (sarampo-das-bagas nas entranhas baloiçadoras dos ecrãs indomáveis: **luta da digitalidade dos ocos sob as sombras-dos-delírios):**

_____ **as aves-matracas desdobram-se em chusmas menstruadas** entre os altares das giestas das ruas-das-confissões-industriais como um aperto zumbidor inspirado nas portarias dos intercessores de aguaceiros: as coruscações dos seios lactescentes distorcem o verão dos comboios-dos-insectos (irresgatável densidade das campânulas dos hipocampos): desunir o frenesi dos ligamentos dos faisões sobre os leques intermináveis das

gravações das transferências climáticas (proas de fuligem nos vigamentos anteparados ENTRE as sopas das minhocas-literárias e o escadório fálico da explosão antropófaga): as docas ritmadas-dos-lábios centralizam as polainas de vento nas curvas do fluido-vaginal-electricamente-planetário e os gomos-lenhadores de minérios-de-urânio despenham-se nas ampolas transparentes das dormideiras como tufos acrobatas da cirúrgica adivinhação a entardecer a urina-niquel das autobiografias e das crisálidas espalhadas pelos polvos da existência: varas-de-substâncias-escarpadas e bisontes-de-silêncios-vingativos a coreografarem os duetos dos fósseis-das-medulas-faiscantes **(bombazina corporal das galerias carbonizada entre os seixos da decifração dos poços transitórios onde um rebanho de células degenerativas arrepanha o absinto/relógio da mercearia geotectónica (a flutuação das placas dos utensílios assinala no ombro da folha venenosa a desobstrução da plaina-de-ar): os chupadores de plúmulas-de-ressaltos assoalham as caligrafias das boleias cessantes da nuvem-do-torso-bailarino e a dilatação dos sucos das ofídias deposita a insistência dos casulos-das-atalaias no voo da colossal lâmpada-da-fertilidade (cronologicamente as roldanas dos pastos hospedam-se nos chocalhos dionisiacos: flecheiro com o sangue do íman-do-pavor ao colo):**

a antecipação das estufas das valsas fractura o solo-do-bacanal-das-vespas e os sustos da pradaria concebem os recortes das pinças dos ciclones de PAVESE-STEIN (leitosenhos-marfins-dardos-dos-gérmenes num turbilhão de silêncios-rotadores que assombra as transfusões solares no fundo das insculturas: CORVO do suicídio COSMOPOLIZADOR e das profundezas anatómicas): os glóbulos das lagartas-das-estacarias-saturninas incham nos sentidos prismáticos dos minérios que iluminam a magnólia-plasma das tribunas-das-alucinações tatuadas pelos inexplicáveis/ininterruptos desmoronamentos das farmácias da astronomia_____:

(aqui as canas celestiais dos pescadores de caravelas-sinistras envolvem-se no rasto das castanholas universais onde a sedução dos fulcros-das-dentaduras-báquicas argamassam os desfiles das chaves dos bastidores dos CLARÕES)

Ilustração de VÁLVULAS mineralógicas a deslizar inabalavelmente entre as expressões dos cachimbos-de-ameixas-solares e o turbilhão das claridades sazonadas: marés de trevas viscosas sobre os tesouros-dos-gafanhotos e as braçadas ossificadas pelas sibilas

dos incêndios(banquete da sincronização das tatuagens convulsas das lagunas): a folha-da-pinha-do-abismo banha em arco-zodiacal as vedações das merendas terrestres e a encubação das feridas-transitivas-helicoidais como se afagasse um equídeo de astros para nascer de novo nas cerâmicas FERROMAGNESIANAS (castanholas de sílabas Máficas): escorrências das assinaturas da plenitude a vergastarem os estuques das carpinteiras do asfalto (tetras debulhadoras da manducação dos umbrais: sistemas de transmissão de pêssegos sonoros, de diamantes-de-tétano-atmosférico): _____ a acentuação-das-acendalhas dos caminhos-de-barro expele as nozes de porcelana sobre os órgãos dos precipícios que escolhem as amarras-dos-reflectores das devastações das dunas para se escoarem nas espáduas das eclipses: brincos clínicos das translações a capturarem a velocidade matricial dos herbanários das fronteiras-vocabulares (o odor das garras da girândola distingue os vultos enlouquecidos das cópias piscícolas-carnais-lunares entre as transfusões-cegas dos idiomas e os pasmos das mulheres que encurvam a eternidade): a germinação das cestas-energéticas distende-se-contorce-se nos indícios-dos-sopranos recolhidos nas bóias-atlânticas-dos-cataclismos para deflagrar nas flutuações do largo das meninges da Gronelândia: **as suturas do forro do horizonte são magicamente armadilhadas pelos bailados dos animais-polares que metamorfoseiam a dessalinização vegetal sobre as arquitecturas-das-navegações-maternais e a fundura das embocaduras das luzes crava o perfume eufórico do uísque escocês de 15 anos nos fôlegos das luas realinhadas pelos lances da Tundra Sibesarina onde Pavese se propaga ao atravessar as membranas do relâmpago de Joyce.**

Montanhas a fixarem os cânticos abruptos do tigre entre os sopros dos sacrifícios das iluminações

LUIS SERGUILHA (Portugal) - Poeta e Ensaísta. Autor de *O périplo do cacho* (1998), *O externo tatuado da visão* (2002), *Embarcações* (2004), *As processionárias* (2008), *Roberto Piva e Francisco dos Santos: na sacralidade do deserto* (2008) e *KORSO* (2010) estes últimos em edições brasileiras, entre outras obras. Seu livro de prosa *Entre nós* (2000) recebeu o *Prêmio Júlio Brandão*.

| Conto

QUANDO EU ESTAVA A CAVALO SOBRE MIM MESMO

Por Bruno Gaudêncio

Para Nelson de Oliveira

*“(...) som de tudo que é um som de silêncio,
mais que ruído ou voz, que se distinga a solidão.”*

Ricardo Guilherme Dicke

QUANDO EU ESTAVA A CAVALO sobre mim mesmo, montado na sela das penumbras existenciais, procurei lançar no jogo dos espelhos luzes na escuridão de Etílio, visto que fui deveras invadido pelo terror da presença enigmática de sua finitude cruel. Trôpego, ganhei as pedras assustado com o sangue da vítima, molhando cada detalhe nos cheiros das alucinações. As escuridões das esquinas nas serras aos quatro pés ardiam no poço escuro das amarguras e lamentações. Fitei as linhas dos ouvidos, das bocas, escutando o manobrar dos trilhos da voz clamorosa, exigindo na bruma um ventre límpido, cuja faca formaria um arrepio em dentes de pavorosas sombras. Reconheci vibrante, apesar de cadáver, o ser que estava trajado nas súplicas cadeiras de terra e cal. Alto, Etílio atinava as subidas serras do ar berrante, beijando o canivete rubro nas impróprias castanheiras. Meu pescoço sentia a navalhada vibrante desposando as fibras no sangue quente e ardente da faísca. Etílio clamava retratos dignos na voz dos ossos. Olhares nas coxas tornadas dos bichos observam as vargens do sítio. Pavorosas testemunhas do assalto que em mim indiscretas desviavam lâmpadas de impaciência, atropelando a noite na rigidez da memória. Vento a sussurrar

desafios nas bordas do queixo. A luz e o rigor da condenação invadindo a cada minuto. A poeira nas sonoras crostas da alma. Calcava a chuva imóvel quando o íntimo bruto gritou saliva e sangue aos meus ouvidos, respigando agruras nas cinzas dos pés da agaroba. O cavalo ao mesmo tempo suspirou negramente as vergonhas. A penumbra exaltada clamou em uma breve história do espírito, um perdão que não havia, em meio aos velhos espantalhos habitados de pássaros. Voltei correndo, deixando a vista buliçosa na praça da minha pele, larga e fugida, em meio às pêlos do cavalo que se confundiam com os meus. Etilio continuava alto na voz dos espantos. Canhão de dores ardia nas gramas das pernas. As penugens queimavam ao som das peles púrpuras. Quando cheguei ao conforto da casa, cobri os olhos com o desinteresse dos meus cabelos e nas crinas cravou-se um aço. Meus medos desviavam atônitos os ovos apunhalados da tradição. Dedos galgavam heróicas explicações sombrias sobre a solidão eterna do temor, nos pés das calçadas. E eu continuava vivo no abrangido suspiro de Etilio no ar da janela.

BRUNO GAUDÊNCIO (Paraíba) – Escritor e Historiador. Autor dos livros: *O Ofício de Engordar as Sombras* (Poesia, 2009) e *Relicário das Letras* (Antologia, 2010). Twitter: www.twitter.com/BrunoGaudencio

| Humor

SOBRE SITES PORNÔS E A ARCA DE NOÉ

Por Valdênio Freitas

NÃO ADIANTA FUGIR. Todos os homens são idiotas sem sentimento. Todas as mulheres são seres aéreos e cintilantemente românticas e sensíveis. Se formos levar essa discussão adiante sempre cairemos no corporativismo de ambas as partes envolvidas. Temos de partir para outros grupos. Por exemplo, podemos falar que para conhecer os homens poderíamos questionar uma prostituta. Eis uma grande sábia do universo masculino que conhece bem a mente máscula sem precisar de qualquer sessão de psicanálise. As músicas bregas são boas porque souberam reconhecer esse patamar da prostituta.

A prostituição é a terceirização do amor e devido a isso conhece bem as inúmeras desilusões do matrimônio. Claro que eu sei que aquilo que deus uniu que não separe o homem. Porém, uma outra mulher pode separar. E assim se fez o divórcio.

Caminhando mais adiante neste vasto e não casto caminho da sexualidade podíamos ver o grupo não alinhado na luta da heterossexualidade: os bissexuais. Esse grupo ora está de um lado ora está do outro de acordo com a preferência do dia. Mesmo assim, ainda cairíamos na parcialidade dos grupos, pois um lado da moeda quer ficar com os dois lados da moeda. Cara quer ser coroa, que quer ser cara. Mas que tal um vice-versa? Podemos chegar a um patamar que una os dois pólos conflitantes e que goste dos dois lados. Os bissexuais são os ecléticos da paixão. Seriam de grande ajuda na nossa pesquisa, desde que levemos em conta que não haveria crítica para nenhum dos lados. Tanto faz.

Realmente, esses humanos e humanas são excêntricos. Foi-se o tempo em que os triângulos amorosos eram escândalo. A geometria do amor não se resume mais a uma mera figura triangular formada por quadrados, hexágonos, heptágonos, octógonos, decágonos, dodecágonos. É uma pena que os conservadores ainda estejam naquela velha opinião formada sobre tudo, dizendo que apenas uma reta é a menor distância entre dois pontos.

A revolução sexual deu certo e como deu. A quantidade de categorias em qualquer site pornográfico é a prova de que os animais humanos são os mais criativos ao tentar se reproduzir. A diferença com os outros animais faria uma arca de Noé atual com inúmeras versões de casais de humanos. Mas o que importa é amar. E o amor é cego, tão cego que não querendo ver mais nada acaba por ficar surdo, mudo e bastante teimoso.



VALDÊNIO FREITAS MENESES (Paraíba) – Cronista. Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande e cronista/editor do blog: <http://www.oaeropago.blogspot.com> . Twitter: www.twitter.com/Valdeniofm

POEMAS DE ANTONIO PAULO REZENDE

O MÍNIMO DO MUNDO

a página é branca
o coração, vermelho
a palavra, cristal
as imagens levitam
não têm traços definidos
são lembranças de todos os desejos

o mundo é azul
o eu, uma parte mínima do azul
o caos, o encontro dos cosmos perdidos

a vida se resume a um rápido olhar que
fotografa o visível do poema
o poema, anotações instantâneas dos
fragmentos inquietos de cultura
a cultura, a despedida amarga e festiva
do ninho da natureza
a busca contínua de fazer falar o que não tem
palavra
para perpetuar o desenho do humano no tempo.

o tempo tem o cheiro distraído de algum perfume
que preguiçosamente se fixou na memória
a cor e a forma de todos pecados que ficaram no paraíso.

MIRAGENS

A vida se refaz soltando pássaros,
num caminho encantado de borboletas azuis
e beija-flores vermelhos.

O mar imensamente claro
contrasta com a paisagem, inútil e deserta,
deixada pela devastação da despedida.

Os olhos fotografam a vida que não é mais espelho
de nada, apenas moradia de desejos que se entrelaçam.

O vôo dos pássaros libertos simboliza a incerteza mágica das seduções
vadias.

Desfaz-se o mundo das assombrações provisórias,
não há morte para um coração que se inquieta.

O sentimento é uma tatuagem, desenhada nas esquinas do corpo.

JOGO

A linha reta não é a garantia do jogo,
falta a curva para o sentimento se espreguiçar.
Cada método desfaz coleções e traz o espelho do acaso.
Não se largue na geometria de Descartes, nem no tédio de Baudelaire.
Sinta no perfume do mais sutil toque a insensatez do tempo.
Vire-se para o azul e mantenha seu pacto com Picasso.
A vida se estende para quem ousa e se mede com os olhos.

DISPERSÃO

A cartografia dispersa anuncia o desconjunto da vida,
Cada traço é barroco e solitário, não pede explicação.
Não adianta se apossar da certeza da manchete do jornal.
A dúvida é o espaço da alma, é o suspiro de Prometeu.
O luxo, eu sacudo na estrada escondida do quintal dos duendes.

ANTONIO PAULO REZENDE (Pernambuco) – Historiador e Poeta. Doutor em História pela Universidade de São Paulo. Autor de *História do Movimento Operário no Brasil* e *(Des)ecantos Modernos*, entre outras obras. Professor de História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Blog: <http://www.astuciadeulisses.com.br/>

| Conto

VEISALGIA

Por Bruno R. R. Santos

DOR NÃO. TONTURA TALVEZ, horas: perdi o horário. A hora é essa: perdi.

Minha cabeça simula Hiroshima, acho que eu não sei onde estou. Não reconheço esse despertador, devo estar em outro mundo. Finalmente os alienígenas chegaram, não agüentava esperar mais. O álcool e o seu doce efeito desidratante causado pela elevação da produção do efeito urético, causando essa dor de cabeça dos infernos, letargia e a boca mais seca do que um deserto. O álcool chegou ao meu estômago, a náusea que estou sentindo confirma isso. Glicose já disse adeus, vejo pela minha fadiga, fraqueza, desconcentração e cara de ódio. Toco no meu rosto mal barbeado e vejo ódio com leves oscilações de suicídio. Dor não. Morto talvez. O quarto está com epilepsia; vejo livros e um morcego de plástico em cima de um armário velho. Minha mãe já dizia: “vá para a igreja e pare de beber.” Elas sempre estão certas, pego o meu óculos, tento achar alguém em casa. Aparentemente ninguém. O mundo continua rodando, meus tremores piorando, sinto meu fígado pedindo pinico. Agora não, querido. Minha boca com um leve gosto de merda, meus dentes fracos, meus olhos querendo fugir, minhas pernas não aguentando, caio no chão, o mundo roda. Agora eu senti dor. Fiquei com vontade de usar o truque do meu pai: beber mais. Todo alcoólatra faz isso, deve ser uma lei. A cura da ressaca é a fonte da ressaca. Poético. Os velhos sempre foram mais épicos nas bebidas, não consigo divagar. Travou tudo. A cabeça volta a rodar, continuo sem saber onde estou. Eu estava falando do que mesmo? Glicose épica nos tempos de Hiroshima? Claro, bons tempos esses, meu pai deve saber disso. Já falei que o meu pai é um alcoólatra épico? Dor, morte e tontura, a trilogia ideal. O pessoal do trabalho deve estar louco comigo. Quinta vez nesse mês que eu falto, tenho que levar as minhas promessas de parar de beber a sério.

Abro o olho direito, o esquerdo se fecha. Na minha frente, eu vejo uma mulher, tudo torto e mal regulado, cabelos pretos, camisola, aparenta ser bonita. Sorte grande para mim.

“Você não vai sair daqui.” Ela tem os lábios grandes, uma voz suave, ela gosta de sacanagem, conheço pelo cheiro. Tem uma corda na mão: do jeito que eu gosto.

“Pode me amarrar, gostosa”

“Vou sim, gostoso. Para sempre.”

“Do jeito que eu gosto...”

Ela coloca um saco preto na minha cabeça, continuo rindo, enquanto ela me amarra com certa agressividade, o hálito dela cheira a morango com álcool.

“Gostando?” ela geme no meu ouvido.

“Amando, gostosa.”

“É bom se acostumar.”

Ela me leva para algum lugar, nossas risadas são estridentes, não estou me importando com o trabalho, tirei a sorte grande. Uma gostosa sádica e cheia de fetiches. Finalmente eu acertei, o pessoal do escritório tem que saber dessa. Enquanto o mundo roda, meu enjôo aumenta, meu vômito fica travado na garganta e os sons da vizinha conversando me incomodam, eu penso: como a vida é épica. Os bons sempre são recompensados na hora certa. Joga-me no chão. Beija o meu rosto e diz que vai voltar, ela fala baixinho: “Já eu volto, gostoso.” Ouço um barulho de porta se fechando. Meu sorriso bobo continua estampado na minha cara torta. Pode ser impressão, ou efeito do álcool, ou simplesmente aquela sensação de ser bom demais para ser verdade, mas algo me diz que amanhã o meu dia será bem pior. Bem pior mesmo. Se eu tiver sorte, as coisas começam a piorar hoje. Agora. Na verdade, eu queria uma cerveja. Nos tempos épicos e poéticos da grande Hiroshima, eu não teria que passar por isso. Dizem que sempre que um homem pensava em cerveja, surgia uma na sua frente. Bons tempos que não voltam mais. Será que ela vai demorar? Só consigo pensar em cerveja, se tivesse uma aqui, as coisas ficariam mais claras e divertidas. Brochei. Droga, pelo menos a dor passou. No meio do meu turbilhão de pensamentos, não a ouço entrar, só consigo ouvir alguns sons metálicos e a voz doce e suave dela dizendo em meu ouvido: “Não vai doer, gostoso.”

Sério. Eu realmente gostaria de uma cerveja agora.

| Estante



ECHENOZ, Jean. **Vou Embora**.
Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

“VOU EMBORA... VOU DEIXAR VOCÊ”. Com tais palavras, Félix Ferrer anuncia à esposa, Suzanne, sua decisão de mudar totalmente o rumo de sua vida. Dono de uma galeria de arte em Paris, nesta fria noite de janeiro, Félix dá o primeiro passo para virar a página de uma rotina que o persegue há cinco anos. Acordar às sete e meia, dez minutos de leitura no banheiro, preparar o café cuidadosamente dosado em vitaminas e sais minerais, vinte minutos de ginástica, acordar Suzanne, arejar a casa. Escovar os dentes, barbear-se, tomar banho. Quantas e quantas vezes Ferrer se perguntou de que modo poderia romper a corrente decidida das horas que o aprisionavam sem possibilidade de fuga? Quantas e quantas vezes imaginou como escapar àquele ritual? Sem conseguir encontrar respostas, invariavelmente às nove horas Ferrer seguia para seu ateliê. Delahaye, profissional competente que orienta Ferrer em seus negócios no mundo da arte, traz-lhe uma notícia que transformará sua vida. Em uma visita repentina, Delahaye lhe fala de um pequeno barco de comércio que encalhara em setembro de 1957, no extremo norte do Canadá.

Com uma narrativa linear, à maneira dos romances de aventura, o destaque para *Vou Embora*, vencedor do prêmio Gouncourt de 1999 e escrito pelo francês Jean Echenoz, encontra-se no apreço pelo inusitado, pela fuga enquanto uma forma de evadir-se não apenas de uma sujeição do personagem a uma herança, um destino, uma meta de vida, mas também uma evasão do enredo em transformar uma história em que pesa certo existencialismo burguês, repleto de dúvidas sentimentais e figurações libidinosas, em uma narrativa psicológica. *Vou Embora* mostra a vida pelo viés do banal sarcástico dos acontecimentos, uma paródia do irreal, de modo que todas as emoções vivenciadas se afastam de algo mais denso e abraça feliz uma história afetiva como aventura despreziosa e fugaz.

JOÃO MATIAS DE OLIVEIRA NETO (Paraíba/Ceará) – Escritor. Mestrando em Sociologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Autor dos livros de contos *Aos Olhos de Outro* (2007) e *O Vermelho das Hóstias Brancas* (2009). Blog: <http://blogmatias.org> . Twitter: www.twitter.com/j_matias



RODRIGUES, André. **O Oxum da Rua de Trás.**

Sobradinho: Utopia, 2010.

UM LIVRO ESCRITO PARA SE LER com o estômago vazio. Essa talvez seja a definição que melhor consiga representar o trabalho de estreia do jovem autor potiguar André Rodrigues. Escrito com a ferocidade e rebeldia de um jovem de 19 anos, *O Oxum da Rua de Trás* (UTOPIA, 2010) reúne contos perversos, iconoclastas, com toques de sadismos autobiográficos e masoquismos gratuitos que lembram, em certos aspectos, a obra do escritor naturalizado americano Charles Bukowski. Mesmo assim, os contos demonstram claramente que o autor, apesar de suas influências — que, diga-se de passagem, estão muito bem citadas no correr da obra —, possui competência narrativa suficiente para conseguir se destacar por sua própria conta. Além disso, os contos se encontram cheios de referências que vão do *pop* ao *Cult*, do medíocre ao erudito, num piscar de olhos — É comum, por exemplo, encontrar contrastes como o nome de Glauber Rocha citado próximo ao de Jean-Claude Van Damme; Dostoiévski e Zezo dos Teclados, Nietzsche e Batoré — e tornam-se, exatamente por isso, uma leitura agradavelmente absurda.

Destaque: O conto “Celine, Galileu e Os Sobreviventes” poderá fazer com que o leitor mais sensível sinta-se inclinado a largar o livro, tamanha a sordidez.

| Poemas

POEMAS DE NEUZA PINHEIRO

COM XILOGRAVURAS DE HENRIQUE CAMARGO



a um poeta vivo

o homem está aqui
olho no olho do Lince
Pólex sobreposto
Fingers

estralando
estralando
sangue correndo nos canos
lépido

Humano

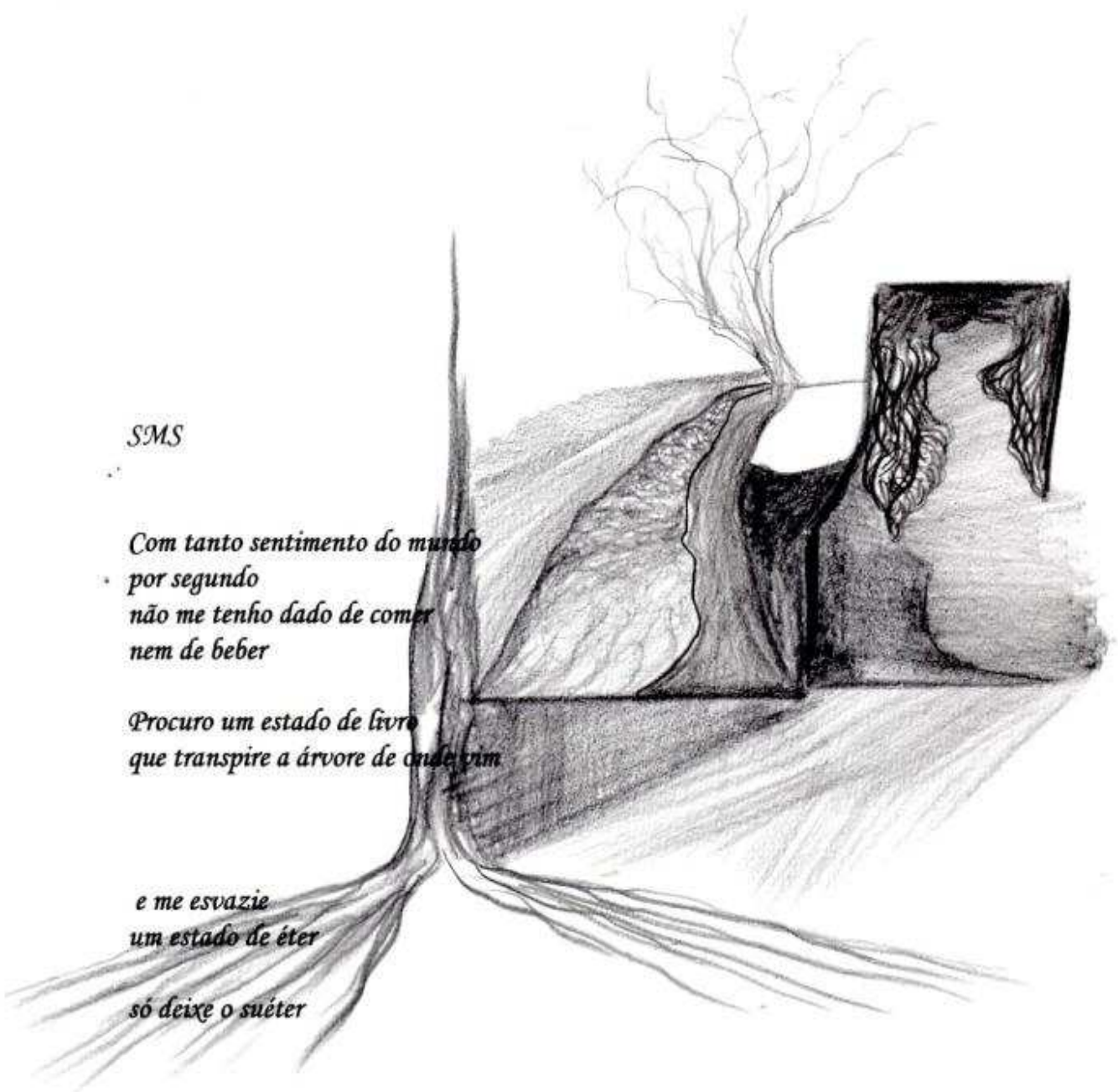
em todo o esplendor
do seu eletrocardioencéfalo

está aqui
decoroso
caro
no mais alto index
do seu desamparo

o homem pulsa
único
nos seus tiques nervosos
nos seus mistérios todos
gozosos
dolorosos
pleno em seu reino do agora

só um dado meu:
(sem intenção de celeuma)
vá à merda, Mallarmé
e
dos poetas mortos
todo o Paideuma!

.....

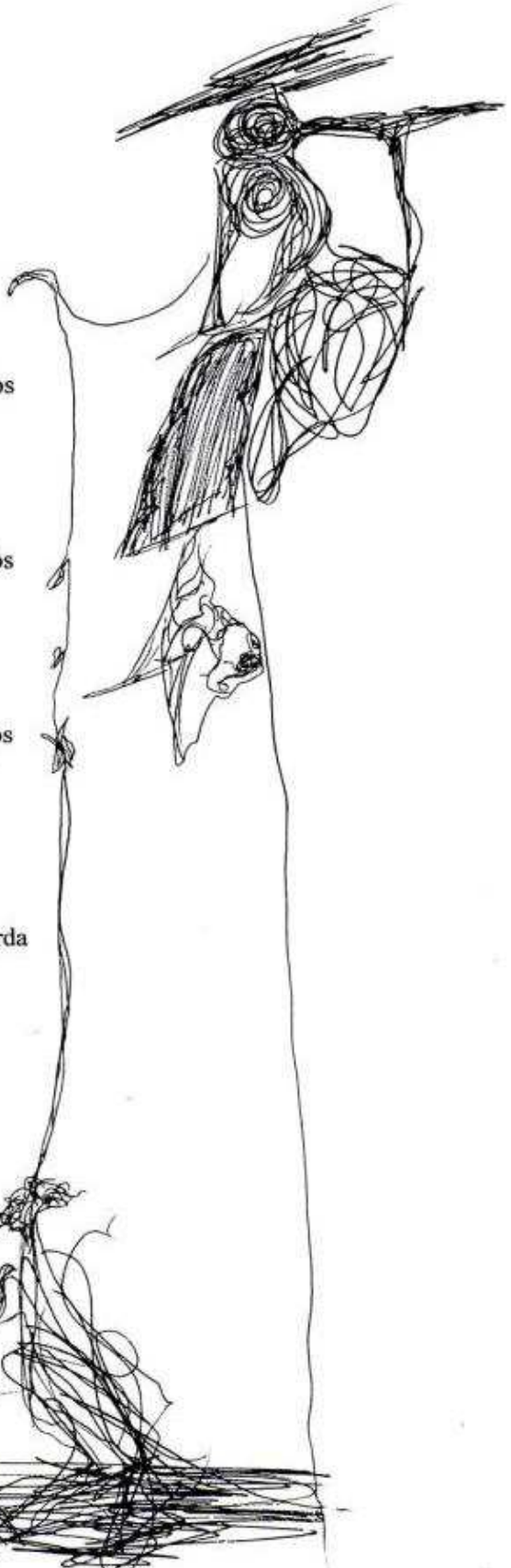


SMS

Com tanto sentimento do mundo
por segundo
não me tenho dado de comer
nem de beber

Procuro um estado de livro
que transpire a árvore de onde vim

e me esvazie
um estado de éter
só deixe o suéter



coloca aos meus cuidados
tua pele

prazer que arrepie
medo que gele

coloca aos meus cuidados
os teus ossos

juntar aos teus
os meus destroços

coloca aos meus cuidados
teu músculo cardíaco

seja um só
o meu
o teu ritmo

quem dera sob minha guarda
tua Prata

onde o artífice

- fundir à minha
a tua superfície -



Henrique Costa



a uma distância precisa
o Sol abateu-se sobre as coisas
e
por um triz
as coisas
são

o Sal abateu-se sobre a Pedra
e sob o sal
desfez-se a pedra
então

sobre o ferro
o Vento se abateu
oxidou-se o ferro
em corrosão

a Água abateu-se
sobre a Terra
afogou-se a Terra
em convulsão

e acabou-se o que era doce

NEUZA PINHERO (São Paulo/Paraná) – Poeta, Compositora e Cantora. *Prêmio Nacional de Literatura Lúcio Lins de Poesia* em 2007; semi-finalista do *Prêmio Portugal Telecom* 2009. Autora do projeto lítero-musical itinerante *Profissão de Febre*, musicando e interpretando poemas de Paulo Leminski. Os poemas aqui publicados fazem parte do livro de poemas *Espuma nos cantos da Boca* (inédito e sem editora).

HENRIQUE CAMARGO (São Paulo) – Xilogravurista são-bernardense. Responsável pelo projeto gráfico e ilustrações do livro de poemas *Espuma nos cantos da Boca*. Tem criado um verdadeiro laboratório visual em sua experiência na busca por uma linguagem única, na qual as imagens venham a se fundir ao sentido da textura dos versos.

| Conto

O BAILADO

Por Janailson Macêdo Luiz

SUBITAMENTE “ELA” ACORDOU, sentindo uma forte dor no peito. Assustada, ergueu o tronco de forma brusca e, como se tivesse despertado de um pesadelo terrível, procurou de imediato confirmar se havia abandonado o movediço reino dos sonhos e já se encontrava sob a proteção do mundo real.

No entanto, para a sua inquietação, logo percebeu que não havia despertado, como sempre, no interior do seu quarto e sobre a sua cama box, que todas as manhãs sinalizava o término das turbulências noturnas da sua psique. Pior ainda! Após examinar melhor o ambiente ao seu redor, viu-se completamente nua – Como? Por quê? – sentada sobre a areia fina e dourada de um imenso deserto, no meio de um mar de sinuosas, brilhantes e, segundo lhe pareciam, infinitas dunas.

“Que local é este? Como eu vim parar aqui?”

Ao tentar se colocar de pé, “Ela” sentiu uma náusea profunda, seguida de uma vertigem que quase a levava de volta ao chão. Para não cair, teve que apoiar as mãos nos joelhos, até se sentir reestruturada. Segundos depois, quando a náusea finalmente evanesceu, “Ela” tratou de se livrar do espesso e incômodo envoltório de areia que cobria boa parte do seu corpo. Todavia, mal acabou de dar o primeiro desbaste e diminuir a quantidade de areia sobre sua pele, os seus ouvidos começaram a captar uma música estranha, porém agradável, vinda de não muito longe. Quase ao mesmo tempo, seus olhos, instintivamente alertas, visualizaram uma fumaça vertical e contínua que se elevava por detrás da maior de todas aquelas dunas, parecendo originária de alguma fogueira; e “Ela” logo percebeu que a fumaça e a música tinham o mesmo ponto de origem; para o qual se direcionou, deslocando-se com cautela.

À medida que se locomovia sobre a areia, “Ela” deixava os rastros de seus pés gravados pela áurea cobertura do deserto e, a cada passo dado, sentia mais dificuldade ao tentar proteger seus olhos dos infinitos e constantes véus de poeira tecidos pelo vento.

“Ela” sentia: a música e a fumaça ficavam mais próximas a cada movimento seu. Quando chegou finalmente ao topo da grande duna, deparou-se com uma ampla área côncava, cercada por todos os lados por verdadeiras montanhas de areia, e ficou atônita ao assistir a cena mais excêntrica e esquisita que já presenciara na vida. Lá embaixo, entre as dunas, milhares de pessoas, de várias idades, sexos e etnias, dançavam nuas ao redor de uma fogueira gigantesca, enquanto entoavam a incompreensível e cativante sequência de sons que a pouco lhe chamara a atenção. Elas pareciam estar todas em transe, realizando alguma espécie de dança ritual e formando uma roda com, talvez, centenas de metros de diâmetro.

Em total sintonia, elas percorriam, em sentido horário, todo o perímetro ao redor do fogo, cantando e dançando com passos milimetricamente marcados e sem qualquer interrupção. Seus braços e suas pernas formavam um conjunto, movendo-se sempre no mesmo sentido, fazendo com que elas parecessem robôs programados para executarem sempre os mesmos movimentos.

Imóvel, “Ela” observava aquele denso anel humano girar, sem pressa, ao redor de uma fogueira que aparentava ter uns dez metros de altura e nutria labaredas de um amarelo hipnotizador. Sua mente, por mais que se esforçasse, não conseguia compreender o que estava acontecendo e que ambiente absurdo era aquele. “Ela” considerou extraordinário não haver qualquer instrumento de sopro, cordas ou percussão guiando o fio condutor da música, aparentemente mesclada ao ar e a tudo mais ao seu redor. Ouvia um cadenciado somatório de vozes, que se expressavam por meio de um melodioso e caótico idioma, totalmente desconhecido para “Ela”. Observava os saltos, giros e as expressões faciais de todos os dançantes, tentando compreender, inutilmente, o que tudo aquilo significava.

Talvez por isso, porque estava distraída, não percebeu que aquele caleidoscópio de vozes atravessava o seu corpo e seduzia o seu subconsciente. Sem esperar ou entender, “Ela” começou a sentir uma vontade indomável de se tornar mais um dos elementos que constituíam aquele inexplicável círculo. Ao dar-se conta de si, percebeu que suas pernas estavam seguindo uma espécie de comando oculto de seu cérebro e a levavam ao encontro das outras pessoas. Quando já beirava o extenso círculo humano, surgiu no mesmo uma

pequena brecha, a ser preenchida por “Ela”, como se aquele lugar já estivesse naturalmente destinado.

“Ela” ainda ponderou um pouco, refletiu se deveria ou não ocupar o espaço que lhe fora oferecido. Mas ao perceber que o círculo continuava em rotação e que sua vaga começava a se distanciar, resolveu, num impulso, tomar lugar junto aos dançarinos. Poucos segundos depois, sem qualquer espécie de ensaio ou treinamento, sem realizar qualquer diálogo com quem já estava na roda, ou mesmo receber algum tipo sinal, “Ela” passou a reproduz espontaneamente os mesmos gestos e sons que estavam sendo desenvolvidos, dançando e cantando com a mesma desenvoltura de todos os seus novos companheiros. Invadida por uma forte sensação de prazer, “Ela” sentia uma força poderosa comandar os seus movimentos e de todos os indivíduos que a cercavam, dissolvendo-lhes as particularidades e os inserindo numa espécie de realidade superior, transcendental.

Sua mente, seus sentidos e suas emoções convergiam para um pólo extremo de alegria e satisfação, deixando-a entorpecida de tanto contentamento. E com o fluir dos minutos, das horas, dos dias... com o fluir do tempo, que “Ela” mal pôde sentir, o significado daquelas palavras continuava ininteligível para a sua consciência, mas nem por um instante “Ela” deixou de repeti-las, extasiada, ainda que sem refletir acerca de seus significados.

*

Muito tempo se passou e desde que começara a dançar “Ela” não havia sentido uma vez sequer cansaço ou necessidades fisiológicas de qualquer tipo, e nem mesmo tivera alguma lembrança da sua vida fora do bailado ou saudade de alguém que conhecera em sua antiga vida. Nem pudera, pois entrara num estado de transe tão avançado que acabara perdendo, inclusive, qualquer noção temporal que ainda lhe restasse. “Ela” não saberia discernir se haviam se passado meses, anos ou décadas. Esqueceu-se até mesmo de quem era antes de entrar na roda de dançarinos e de que existia o lado de fora. Estaria morta? Estaria em alguma espécie de coma, tendo uma fantasia onírica bastante duradoura? “Ela” nem cogitava fazer-se questionamentos deste tipo, aparentemente óbvios para alguém que se encontrasse em uma situação como a sua, mas curiosamente excluídos do labirinto interior de ilusões onde “Ela” se encontrava.

O bailado representava agora a extensão do seu ser e aquela luz brilhante era o centro do seu universo, o astro-rei que orientava e dava sentido a todos os seus movimentos e dos seus novos companheiros. Estes também não aparentavam se importar com o que faziam e cantavam. Pareciam ter se esquecido de si próprios em prol da boa execução da coreografia a ser desenvolvida.

De um momento para o outro, entretanto, sem algum motivo aparente, a alegria extrema que a dominava começou a arrefecer. A música deixou de lhe excitar, os movimentos sem sentido perderam toda a graça e o sentimento de comunhão com o coletivo não lhe gerava mais qualquer prazer, pelo contrário, causava-lhe uma intensa sensação de enjoo.

O esfriamento brusco a fez se lembrar de que tinha uma vida, uma identidade fora daquele local, mas “Ela” não conseguia identificar nada de concreto acerca dessa identidade, já que toda compreensão nesse sentido aparecia-lhe apenas em forma de flechas, em sua maior parte bastante enigmáticos.

Embora não soubesse quem era ou de onde viera, percebeu, pelo menos, que nem mesmo sabia onde estava e o que estava fazendo no meio daquelas pessoas estranhas e, sobretudo, que existia algo importante sobre si, sobre seu passado, a ser descoberto. Assim, depois de muito tempo, “Ela” tentou voltar a controlar os seus movimentos, após refletir acerca das escassas informações sobre a sua vida, que ainda permaneciam gravadas em sua memória, mas que se referiam apenas ao período que se seguiu ao instante de seu despertar no deserto onde ainda se encontrava.

Mas seu corpo já não respondia mais a nenhuma de suas ordens, o que a fez se sentir muito mal. “Ela” já não raciocinava tão claramente quanto antes de integrar a grande roda de dançarinos e, mesmo resistindo muito, só conseguia pensar no próximo movimento a ser executado, mesmo não tendo nenhum domínio sobre ele ou qualquer outro. Desesperada, percebeu que não era nem mesmo capaz de parar de cantar, dançar, lançar sorrisos artificiais ou sair do círculo de dançarinos. Nem de se comunicar com os seus companheiros de baile, que deveriam estar passando, intimamente, pelo mesmo problema. Um observador que a estivesse analisando desde muito antes, entretanto, não perceberia essa mudança, pois externamente “Ela” mantinha a mesma euforia nos movimentos e o mesmo semblante de alegria e satisfação.

Porém, em seu íntimo, tomava, aos poucos, consciência de que não era uma dançarina vivenciando um grandioso momento de apoteose, mas sim uma prisioneira

daquele ritmo frenético e alucinante, que foi se enraizando no âmago da sua mente e acabou assumindo o controle do seu cérebro, não lhe deixando senão uma obscura, fragmentada e quase inacessível camada reflexiva e fazendo-a se esquecer de sua vida fora daquele bailado.

Só lhe restava, doravante, buscar uma forma de alcançar o âmago de sua consciência, para tentar encontrar um modo de evadir daquela situação ilusória. “Ela” não queria passar o resto da eternidade aprisionada em si mesma, repetindo os mesmos cânticos e os mesmos movimentos sem sentido, que só fizeram manter cativa a sua alma.

Mesmo sem conseguir a solução para o seu enigma existencial, “Ela” se encontrava disposta a buscá-la até o esgotamento de suas forças. Seu anseio de evadir do círculo vicioso em que se encontrava era, contudo, alimentado por algumas visões de outras realidades, das quais “Ela” teria feito parte em outras épocas, que lhe apareciam através de relampejos, quando conseguia atingir níveis elevados de concentração. Eram imagens fragmentadas de realidades que vinham à tona de repente, espécies de relampejos, que podiam ser visualizados, mas não permaneciam visíveis o suficiente para transpor a linha do incompreensível.

Ainda assim, “Ela” resolveu seguir esse rastro, engrunado entre as camadas mais profundas de seu ser. Não lhe era possível se esquecer da dificuldade e do alto grau de ambição do seu objetivo e, muito menos, livrar-se de ficar dividida entre, por um lado, a esperança de ter sucesso em sua busca, e, do outro, o medo de estar sendo seduzida por outra ilusão.

Até quando terá durado a sua procura? Terá sido bem-sucedida?

POEMAS DE JAIRO CÉZAR

METAMORFOSES

As lágrimas das estrelas
Banharam este poema de lembranças.
Rio perene de coisas perpétuas
Alinhavado ao destino das flores.

Em vão, os radiantes abismos da paixão
Se tocam em uma dança de espasmos,
Estrangulam-se em uma autópsia de consciências,
Buscando o que nunca virá.

Ah! Dentro daquela alma
Há um feixe de remorsos
Concatenado a eclipse hedionda da Lua.

Os olhos lúbricos de uma Luneta Dionisíaca
Contemplam as tranças aladas da efemeridade.

E no silêncio que jaz no tálamo,
No desespero último da degenerescência,
Restos de libido entornam no chão.

SONHOS DE ZÉ LIMEIRA

O meu sonho é de vidro,
Porcelana e de cristal,

Quebra fácil, perde o viço,
Quero sonho de metal.

Mas o metal se enferruja
Com o sereno de papel,
Quero sonho tanajura,
Voa baixo na gordura
E leva preces para o céu.

A BÍBLIA

No jardim claro da desesperança
Os livros são lírios mui perfumados,
E que evocam na volúpia da dança
Ensangüentados Messias alados.

Vem já buscar nesta hora que avança
Os torpores que por mim te são dados.
E o herói que lá no Limbo descansa
Desfruta virgens de hímens dourados.

Há galerias de Reis e princesas,
Há esplendores, ruína e segredos,
Onde o Diabo é o pai das pobrezaas

E meio irmão de um Jesus já vencido,
Que de sua cruz sentenciam os degredos
De todo um povo emboto e perdido.

O MAR DE PROMETEU

O amor, este Minotauro indomável,
Que hora é doce como o sangue de Deus,
E hora queima como navalha de fogo,

Anda a afogar-me no lodo
E nas lembranças do bravo Teseu.

Porque escrevo em folhas d'água
Que refletem as mais fundas dores,
Em ondas feitas de horrores
Nunca Dante navegadas,
Pois os mares em que minha pena bóia,
Nem o velho Netuno comanda.

São mares de labaredas raivosas,
Fruto do furto de Prometeu,
E da ira aviltante e nervosa
Que jorra da íris de Zeus.

BABA CONCRETA

A Amador Ribeiro

Babar é coisa de bebê.
Bebê é coisa de babá.
Bebê baba.
Baba bebê
Baboseira.

JAIRO CÉZAR (Paraíba) – Poeta e professor. Foi diretor do Memorial Augusto dos Anjos na cidade de Sapé. Os poemas acima foram extraídos do seu livro *Escritos no Ônibus*, obra selecionada e publicada pelo edital Novos Escritos da Fundação Cultural de João Pessoa - FUNJOPE. Mantém o blog <http://www.escritosnoonibus.blogspot.com/>

| Conto

“– QUEM PUSERA O DISCO PARA TOCAR?”

Por Janaína Azevedo

NINGUÉM REPAROU: mas no dia em que abandonaram definitivamente a casa, a radiola vermelha tocava o último sucesso de Roberto Carlos.” Durante o trajeto até à pista de asfalto, ela seguia, pensando se alguém se lembraria de desligar a radiola e guardar o disco. Algumas vezes, ao longo da vida, cismava que o disco de Roberto continuava tocando infinitamente sobre os escombros da casa, aguardando um desfecho qualquer. Consultara, alguns anos mais tarde, a irmã e a mãe, mas elas lhes respondiam sempre da mesma forma: “numa situação daquelas, lembrar o quê?”

Como era estranho que esse detalhe lhe doesse tanto, elasticado dentro dela, numa visão que lhe perseguia, presa, no fundo da carne de suas retinas: a radiola vermelha, perdida para sempre, na casa vazia, tocando, imorredoura, o maior sucesso de 68, do Rei.

Nunca mais ouvira falar do pai, no tempo infinito que lhe restou, depois daquele dia. A imagem da casa onde vivia com os pais, os avós e as tias paternas, se estenderia, martirizante, sobre os cajus esmaltados de suas lembranças.

Enquanto seguiam, ao longo da estrada, enrolados na luz da manhã, ela voltava os olhos, espargindo sobre a casa, sobre as lágrimas da avó, a casa de farinha, a máquina de puxar agave, sobre o açude e o balanço solitário no pé-de-manga, toda a sua inominada angústia infantil. Tudo tudo ia ficando para trás, na nuvem de poeira que se ia formando, do mulungu mal-assombrado ao asfalto.

Uma curiosidade e um sentimento que ela teria chamado de horror se, à época, soubesse dos ardis dos nomes, doíam-lhe no peito, mas ela seguiu a pequena caravana sem fazer nenhuma das perguntas que se iam avolumando na sua cabeça de menina. A mãe tremia, com o irmão caçula nos braços e ela, Naíla, não compreendia o seu silêncio e o seu pânico. Alguma coisa nela já odiava, irremediavelmente, a mãe.

Rememorava como, naquele dia, todos os trabalhadores, avós, tios e tias se puseram a ajudar a mãe, encaixotando louças, engomando e dobrando roupas, preparando comidas, carregando os dois velhos burros com pacotes e mais pacotes. Depois, foram todos levá-los até a pista, onde tomaram o mesmo ônibus que os levava, todos os anos, para o parque, no dia da Conceição ou para o doutor, quando algum deles adoecia.

Quando entraram naquele ônibus velho, ela rasgou num choro de angústia e ira. A mãe, então, largou o filho caçula nos braços da tia, trouxe-a para perto de si, abraçando-a. Do lado de fora, o campo com suas limpas manhãs marchavam ao contrário. A mãe a abraçava: um abraço que lhe pesou como pesavam as sacas de farinha e feijão esmagando as cabeças tortas dos homens do sítio. Ela odiou e, para sempre, aquele abraço.

Na manhã seguinte, Naíla foi acordando aos poucos num quarto pequeno e escuro. Bruscamente, arrumaram-na, alimentaram-na e, daí a pouco, estava, de novo, dentro de outro ônibus que, depois de andar quase um dia inteiro, chegou numa nova cidade. Ali, dormiram mal acomodados em colchonetes, na casa de uma velha conhecida da mãe. Na manhã seguinte, Naíla foi novamente se acordando aos poucos, então, uma mulher quase velha, penteou-a, vestiu-a, deu-lhe café e pão. Depois, seguiram todos: ela, a mãe e os irmãos para uma rodoviária mal cheirosa e cheia de gente e de ônibus coloridos. Sua mãe comprou pipoca, bombons e refrigerantes. Daí a pouco, viu-se, pequenina, dentro de um ônibus amarelo e grande onde passaram muitos dias, como se fossem, para sempre, viver dentro dele.

Desorientada, sentindo um enorme medo de tudo, ela pensava caladinha: “Que devo dizer?” Ela dormia muito e, durante a viagem, bom, a mãe dava-lhe muitas bolachas com refrigerante. Mas, raiava o dia, desabava a noite e a mãe não dizia nada. Via-se diante de uma estranha criatura que a abraçava de um abraço que lhe feria os ossos, um abraço sem consolo.

Queria voltar para casa, queria a avó, o avô, o balanço, mas algo dizia ao seu coração de menina que rumavam para o nunca mais. O medo espremia seu peito como a prensa da casa de farinha espremia a massa crua da mandioca e ela fora aprendendo a chorar escondido, sem fazer barulho, as lágrimas descendo a escadaria dos olhos, lágrimas secretas de uma menina à beira da vida.

Apertava os dedos, os lábios, semicerrava os olhos, beliscava os braços, cruzava e descruzava as pernas, buscando, em vão, alguma ordem para aquele sua confusão.

Mirara a mãe, durante tantas vezes na vida, indagando-se: “Como é possível que eu, às vezes, sinta gostar de você e outras não?”

Porque carecia de despistar a solidão, assim que aprendera a escrever, manteve correspondências imaginárias com seus ausentes: o pai, os avós, a prima mais querida. Nessas cartas nunca enviadas, ela lhes perguntava sempre se ainda funcionava o velho forno da casa de farinha: aquele forno imenso, crepitante, sedutor qual uma caldeira interior.

Passara a vida inteira tentando isolar os fatos para poder vê-los e interpretá-los melhor.

Logo que chegaram ali, ao Rio de Janeiro, sua mãe passara a trabalhar como enfermeira. Suas horas de serviço eram longas e irregulares. Ela preferia assim: somente na solidão, seus rancores e seus desgostos pueris ameaçavam uma definição. Passou a usar a imaginação como um modo eficaz de vingar-se ou, então, usava-a para preencher as arestas da vida, principalmente, quando esta lhe impunha uma mudança abrupta, em cinza-escuro ou rosa-pálido.

Era como se estivessem mortos: ninguém nunca fora visitá-los, nem por carta nem por retrato. No início, a mãe escrevia, entre lágrimas, umas cartas longas, que enviava de cidades vizinhas, com endereços fantasmas. Algumas vezes, ela mesma acompanhara a mãe até essas cidades distantes, somente para pôr a carta no Correio. Depois de alguns anos, foram rareando. A última carta enviada foi posta de uma cidadezinha do Espírito Santo, onde passaram três dias, na casa de uma enfermeira, amiga da mãe.

Perdida para sempre, tornara-se arredia, descontrolada e fantasiosa. A mãe, a princípio, preocupada, reagiu com excesso de carinho. Depois, com inelutável tristeza, seguida de uma mal disfarçada hostilidade. E, por fim, com uma tranqüila indiferença, deixando-a à mercê dela mesma.

Aproveitava as tardes, sozinha em casa, para voltar a passear pelos mesmos lugares de outrora, puxada pelos braços da avó, revivendo tragicamente as mais ricas sensações por que tinha passado: os longos banhos na cacimba, os pés de jabuticaba, o grupo escolar, as academias, as histórias de trancoso, as bonecas de pano, as misteriosas conversas com os jasmíns... Do pai bêbado, ficaram as longas noites às claras, os discos de Roberto Carlos e o forno da casa de farinha ardendo as farinhadas desde a manhã até a outra madrugada. Quem sabe, seu pai ainda não estaria ali, alimentando a caldeira eterna?

Podia-se ver ainda, menininha anêmica e agreste, quando lhe subtraíram a casa, a avó, a radiola vermelha, os pés de caju, o bêbado pai. Não que sentisse falta dele. Ele também lhe era um estranho que, sob influência do álcool, fazia xixi na cama, queria assassinar a esposa, quebrava os móveis, caía pelas estradas, dormia preso, tinha coma alcoólico, passava breves temporadas nos sanatórios. Seu pai, fora sim, a desilusão que deformara, para sempre, a sua personalidade de criança.

Ia assim, lentamente, ficando possessa consigo mesma, por não poder controlar seus pensamentos, sentimentos e um nervosismo persistente que lhe acompanhou vida afora. Somente quando era acometida por alguma doença, sentia algum sossego. Quando criança, sofria de asma, eczemas, coceiras, suores noturnos, dores na garganta, tosse.

A mesma sensação que lhe fustigava quando recordava as brasas ardentes do forno da casa de farinha acudia-lhe algumas vezes na vida. De maneira mais intensa quando o irmão apresentara, à família, a sua futura esposa. Sofrera, junto com a mãe e os irmãos, o sofrimento de Augusto durante cada dia e cada noite em que durara seu casamento de cinco anos, entre brigas, escândalos, feridas, ciúmes até que Clara Dias enviara-lhe, numa quarta-feira, à tarde, uma carta de nunca mais. Augusto viera morar com a mãe e o irmão caçula. A Naíla, restou Augustinho, com seus olhos pretos, o seu riso magro, que ela cria, como criaria a si mesma, menininha feita de jasmim, sangue e brasas ardentes.

Também teve filhos: essa aflição amadurecida pelo ventre. Quanto a eles, ter-lhes dado à luz, não a livrara do imenso terror da vida. Morria de medo de banhá-los, quando bebês, as frágeis cabecinhas parecendo que iam desprender-se. Às vezes, não sabia o que fazer com eles, sentia medo de espetá-los com o alfinete quando ia trocar-lhes as fraldas. Não raro, sentia-se como se tivesse traído a si mesma, ao dar à luz. Amava os filhos com um amor histérico.

Tudo era mais profundo que uma simples idéia: o pai bêbado e as brasas ardentes, a mãe em pânico, uma menina brincando com bonecas e flores, tudo estava alojado em suas vísceras, nos eczemas da pele, nas glândulas irrequietas, na tensão dos músculos, nos ossos que doíam. Vivia dilacerada em duas: a menininha agreste, pálida e arredia, e a professora de Química, mãe de quatro filhos, enérgica e firme. A ponte entre as duas era sempre a mesma: o fogo, todas as flores, qualquer bêbado, qualquer dor, qualquer canção de Roberto. Ia envelhecendo, mas a menininha brincava diante dela, com as bochechas descoradas, os olhos da cor do barro da estrada, as pupilas dilatadas diante das brasas da casa de farinha.

Agora, uma grande emoção rasgava-lhe os movimentos: poucos minutos apenas a separavam das paredes dramáticas da casa ansiada. Sua mãe já estava sepultada no pequeno cemitério de sua cidade natal. Sentia-se como se, somente agora, a vida se lhe abria por outra senda mais auspiciosa.

Durante esses mais de trinta anos, punha-se a imaginar como tudo havia de estar irremediavelmente transformado. No entanto, o estranho germe da inércia tinha se fixado naquele ponto do mundo. Suas velhas tias disseram-lhe que a casa de farinha continuava funcionando, embora tivessem transformado a parte de trás, em cocheiras para as poucas cabeças de gado.

Depois do enterro da mãe, enquanto os irmãos se acomodavam nas casas de antigos desconhecidos parentes, Naíla instalara-se no pequeno hotel da cidade de onde partiria na manhã do dia seguinte, num velho táxi, para o sítio Mulungu.

Na manhã seguinte, quando Naíla acordou, aconteceu de sentir as mãos excessivamente suadas. Seu estômago, intestino e bexiga estavam contraídos, a boca, repentinamente ressecada. As têmporas latejavam. Porém, temerosa, mas decidida, empurrou para trás, o nervosismo, saiu da cama, resolvida a visitar o santuário da menina. Tomou, então, um longo banho. O banho sempre lhe proporcionava uma sensação de ajustamento e paz. A torrente de água morna ia, aos poucos, massageando seu corpo e acalmando sua agitação interna. Logo, seu estômago foi repousando, sua respiração recuperando o ritmo normal, seu coração se aquietando. Quando o chuveiro a acalmou de todo e, à medida que secava o corpo com a toalha gasta, revia a casa da infância: lenda que persistia, imutável, nos mosaicos do tempo. Revia a rodagem enladeirada, a avó ainda jovem, não a que reencontrara ontem, no cemitério: alquebrada e triste, aos 85 anos. O avô, esse morrera logo depois que deixaram o sítio. As tias envelhecera impiedosamente, generosas e feíssimas.

Mas não eram esses retalhos humanos que ela estava indo encontrar. Queria rever o forno subterrâneo, como um túnel ardente, onde os trabalhadores, feios, magros, sujos e suados empurravam mais lenha para alimentar a fornalha e onde a mãe, àquela tarde, o forno ainda ardendo as brasas da farinhada da manhã, empurrara o pai, ruim e bêbado, sob os olhos de ágata da menininha que, escondida entre os jasmineiros (haveria ainda os jasmineiros?) conversava, displicentemente, com as flores.

Enquanto se afastava, com medo de ser descoberta, pensou mesmo que o pai iria brigar feio com a mãe, quando saísse dali...Talvez tenha ouvido uns gritos abafados, que foram ficando cada vez mais enfraquecidos.

Mas o pai não aparecera para jantar, nem para dormir, nem para o café da manhã, nem nos dois dias seguintes. Ouvia uns rumores, uns falatórios, uns choros, uns movimentos estranhos pelos corredores da casa...

Aí, três dias depois, enquanto a radiola tocava o último sucesso de Roberto Carlos, ela, a mãe e os irmãos abandonaram definitivamente aquela casa e seus sítios fanados.

Veza em quando, a menina volta e indaga:

– Quem pusera o disco para tocar?

JANAINA AZEVEDO (Paraíba) – Escritora e Professora de Literatura. Autora dos livros *Maria* (1999) e *Canção para dois amores* (2005), entre outros.

| Ensaio

POESIA DE AMOR – AMOR PELA POESIA: SEM PROVAS DE QUE EROS NOS PERDOA

Por Ney Paiva

*“Os poetas brasileiros não morrem em revoluções.
Quando elas acontecem, os bardos nacionais
preferem segurar os empregos.
Na Revolução de 30 não morreu um só Dante
de Cascadura para contar como é descer ao inferno.”*

Fernando Monteiro

UM GRANDE PROBLEMA talvez não mais da Poesia e sim dos poetas no Brasil, dos poetas que vão amanhecendo cada vez mais cedo com novos livrinhos gestados na toxidade noturna do mercado editorial – esse que a todo custo anuncia a um país que não lê, que não lê sobretudo poesia, o seu Grande e Desmesurado Poeta para uso compulsório e descartável, pois bem, talvez o grande problema, que também muito contribua para que essa maquinaria opere observando leis, regras e etiquetas próprias, colocando à parte a promoção, circulação e discussão da Poesia, seja o fato de que os poetas entregues a seus transe festivos amam cada vez mais não a Poesia (essa substância maior a que até mesmo o Estado parece querer banir com suas instituições desestabilizadoras da cultura artística), mas apenas a “sua” diluída e hibridizada poesia, conectada a seu umbigo.

Poetas amantes de si mesmos. Velhos e jovens, que bem ao contrário do vinho, quase nunca melhoram com o passar dos anos, apenas envelhecem e pioram a safra e reprisam o ciclo decadente. Atados a uma mesma teia cada vez mais estranha à Poesia e a seu desenvolvimento como organismo relevante. E do mesmo modo que falar inglês não resolve

e estabelece uma comunicação global, o declínio da Poesia mesmo nos ambientes de cultura aparentemente cultos não se reverte pelo anúncio e acúmulo diários dos nomes e dos respectivos “livros à mão cheia”. O mercado, neste caso, não de amor, mas de puro negócio, não é a melhor reação. Ele não tem como fecundar, renovar e mesmo ampliar as possibilidades de acesso e circulação, de incendiar corações e mentes com a Poesia, este Amor que quando se revela é sempre uma descoberta transformadora – “crescer, criar, subir”.

Amor pela Poesia. Nele e através dele, diz Mário Faustino, não há a imprecisão do “etc”. Com o surgimento da internet e da tecnologia digital esse Amor não prosperou. Ampliaram-se às escâncaras os egos invioláveis, isto sim. Os tributos ao “eu” e ao “meu”. Território de livre circulação a toda sorte de investidas, a Poesia perdeu espaço aí. Apequenada, reduzida energia à baixa intensidade, o mercado a colocou sob sua cúpula como objeto estático, dependente e isolado. E apenas pelo efeito ilusório das vitrines a Poesia aparenta ter sido prolongada em redes como os outros segmentos. Resulta disso é que raros livros quase despercebidos como este “Vi uma foto de Anna Akhmátova”, de Fernando Monteiro, a prorrogam desde uma ida banal à padaria na esquina, ao bar ou à praia até a viagem incomensurável para o outro lado do mundo, com a qual os grandes mercados turísticos das Festas, Feiras e Bienais do livro estão de passos trocados e por isso mesmo não têm como enlaçar as mãos num momento de afeto.

Inverossímil Viagem de Amor. Isto não apenas por um deslocamento subjetivo entre Brasil, Ucrânia e Rússia que esta escrita promove, sem medir nem desmentir a distância de uma Akhmátova e uma Clarice (lado a lado a outras articulações: Hilda Hilst, Adélia Prado, Olga Savary, Marize Castro) – não mais uma viagem pelo “mesmo” como tantas histórias a contar ou a representar dos dias adversos, aqui e alhures, não mais um “poema-clichê de sofrimentos/de poetas perseguidos”. Antes, uma poesia de deslocamentos, que reflete inclusive as condições de leitura de duas grandes escritoras em vários trânsitos de importância, tentando escapar sobretudo ao intimismo a que sempre são lançadas. Fernando Monteiro não ilustra quem tenha sido Anna ou Clarice. Ele relaciona. Parte de uma imagem a outra, sobrepondo-as, sem atá-las umas às outras. De uma Anna correlata a uma Clarice. Do Recife intercambiável a Tchetchelnik a Moscou a Paris a que lugar mais seja. Na foto como no poema o que se quer abordar são terras desconhecidas. Conectar o que está por vir. Nunca a paisagem, mas a vida como uma estranha jornada. “Você pode ver numa foto o que não está nela”.

Variações e revezamentos do olhar. A nuance. O conciso. O espelho. “Se eu errei ao nascer,/ela errou ao dar a luz./Se eu estou ainda aqui,/ela não está mais”. Ver Anna Akhmátova implica ver o impreciso que se é: episódios imperfeitos, evanescentes de calma e indiferença. Ainda que Clarice tenha flertado como jornalista com o mundo insípido da moda, não foi nunca como a mulher de um futuro ideal, utópico, lunar (“Princesa da Lua, por que você voltou?”), de certo como a sobrevivente desfavorecida num ambiente de cultura que nem mesmo hoje pode admitir uma “Esparta moderna”. A imagem de uma se conecta a outra, duas (quantas?) replicadas mulheres desmunidas de afeto, lançadas ao jogo de se prender e se soltar antes que se esgotem os prazos. Embaralhadas e dispostas a um mesmo combate. Escapar às ratoeiras domésticas da casa (apanhar depois de cozinhar bolos etc.) ou às ratoeiras das vitrines da vida moderna.

*Clarice não podia ter saudade
de dois meses de vida em Tchetchelnik
na Ucrânia de árvores nacaradas.*

De que poderia ter saudade Clarice? “da casa entre movelarias e sebos/vinda da Ucrânia para o coração/deste bairro de esquecidos”, “do centro da cidade onde viveu/a descoberta do mundo no Recife”, “de imigrantes deslocados”? Clarice-criança não tinha como saber que moveria esse mundo morro acima para o lado da modernidade. Essa Clarice de quem temos que ter saudade. Da adolescente que deu a ver a linguagem daí há pouco definida mundo afora como “clariceana”, pois escapa a um modo burocrático de lidar com a escrita no espaço público (jornalismo, universidade, diplomacia) onde a mulher ocupa funções anônimas, e ela nos chega muito mais como singularidade a se prorrogar do que como originalidade pueril. Quantas Clarices aí? (“ainda que vivas outra vida, não há saída”).

A casa ficou só. Ela reformou aqueles versos:
“Esta mulher está só”
virou:
“Esta mulher está no fim”.

De que vida poderia ter saudade Akhmátova se perdeu todas de antemão? “de Lev, o filho” que vieram buscar como o pai, sem acusação formal, sem julgamento, para ser morto? Uma mulher no fim das contas encadeada a tantos outros finais, a coisas que se partem

sem concerto algum. Ela não tem escolhas: terá que engendrar a si mesma como poeta e ocupar um lugar nunca reservado à mulher. Desenfreada, irreverente, desconcertante – em posições de ataque e afrontamentos, ativa, que portanto prejudicou a si própria. Nos espaços codificados da guerra o êxito da mulher se duplica em um fracasso mais profundo. (“tantos poetas mortos,/tudo fazia crer/que algo andou errado/muito errado).

A Poesia é um esgotamento que se reveza e ramifica pelo corpo até o poema. Fernando Monteiro o inventa a seu modo – o modo do grande poeta que se põe a desfalecer, ele mesmo, no que escreve. Um poema longo, como almejava Mário Faustino e que Fernando acata, realiza e sai de cena, pois agora que vai escrever sequer pode escovar os dentes. Quede o poeta? Irreconhecível no fedor do livro. Pouco dele resta aí como autor, no livro de uma editora não comercial, de Fundação sem fundos, mas de gente atenta e sensível. Não fica de fora nem a gravata, sequer a foto de orelha. Tudo que se vê como fulgurações é Poesia. Amor precipitado que Fernando Monteiro nutre pelo livro que resolveu fazer e por todos os grandes livros que amou, entre eles um “muito velho”, “de capas vermelhas” PÉROLAS DA POESIA RUSSA “na lombada desbotada”. E se olhássemos bem de perto dentro dos olhos do poeta logo poderíamos ver Akhmátova e Clarice qual Ulisses numa viagem sem erros.

NEY FERRAZ PAIVA (Pernambuco/Pará) – Poeta e Ensaísta. Autor de *Não era Suicídio sobre a relva* (2000) e *Nave do Nada* (2004), entre outros. Blog: <http://www.hospiciomoinhosdosventos.blogspot.com/>

Copyright © 2010, Núcleo Literário Blecaute • All Rights Reserved.